



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**MULHER NEGRA E REPRESENTATIVIDADE: UMA ANÁLISE DAS  
PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS BRASILEIRAS EM 2016**

**JOANA SILVESTRE GUIMARÃES**

RIO DE JANEIRO

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**MULHER NEGRA E REPRESENTATIVIDADE: UMA ANÁLISE DAS  
PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS BRASILEIRAS EM 2016**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma.

**JOANA SILVESTRE GUIMARÃES**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Chalini Barros**

Rio de Janeiro/RJ

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mulher negra e representatividade: uma análise das produções audiovisuais brasileiras em 2016**, elaborada por Joana Silvestre Guimarães.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Chalini Barros

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA

Departamento de Comunicação - UFRJ

Luanda Schramm

Doutora em Ciência Política pela Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Comunicação -. UFRJ

Elaine Vidal

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC

Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

GUIMARÃES, Joana Silvestre.

Mulher negra e representatividade: uma análise das produções audiovisuais brasileiras em 2016. Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientadora: Chalini Barros.

GUIMARÃES, Joana Silvestre. **Mulher negra e representatividade: uma análise das produções audiovisuais brasileiras em 2016**. Orientadora: Chalini Barros. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO 2017. Monografia em Jornalismo

## RESUMO

Este trabalho problematiza os estereótipos aplicados sobre a imagem das mulheres negras no Brasil e visa entender como, por trás do discurso de democracia racial, o racismo e o preconceito do país se tornaram instrumentos pelos quais são operadas opressões e limitações sobre elas que sofrem, por serem mulheres e por serem negras, com rotulações reducionistas feitas pelo senso-comum e reforçadas por produtos midiáticos. A pesquisa dedicou-se, então, a estudar quais espaços foram preenchidos por essas mulheres nas telenovelas e séries brasileiras produzidas em 2016. A análise foi feita através de estudos de caso mistos com base em dados qualitativos, embasado nos discursos tradicionais e virtuais. O objetivo do trabalho é, então, analisar os estereótipos de mulheres negras, dentro de gênero e raça, nessas produções. É constatado o avanço quantitativo no que tange personagens negras, mas ainda muito tímido no avanço qualitativo porque ainda as localizamos nos papéis de escrava, na doméstica e a mulher que tudo suporta. É possível enxergarmos, também, avanços relativos a um maior destaque de uma personagem negra protagonista e empoderada. Por outro lado, infelizmente, o estigma da sexualização e a força infinita da mulher negra se manteve – o que evidencia que a desmistificação racista do estereótipo feminino na mídia é um processo ainda em andamento.

*Dedico este trabalho aos meus amados pais que investiram tudo o que tinham na minha educação e fizeram do suor do esforço deles, o meu suor durante toda a graduação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por todo amor, dedicação e esforço para que eu tivesse essa oportunidade, mesmo sem entender direito o que estávamos fazendo, mas confiando em mim. Tenham certeza que esse diploma é de vocês tanto quanto meu. Seremos juntos, os primeiros da família com uma graduação completa.

À minha avó, minha irmã e Tia Sônia que me ensinaram desde pequena que ser uma mulher negra significava ter que ser duas vezes melhor. Vocês foram e sempre serão excelentes exemplos.

Aos meus amigos de infância que me levantaram todas as vezes que eu caí e me deram a certeza de que a presença de vocês é a melhor das minhas constantes.

Aos amigos que fiz no Rio: um gigantesco obrigada. Vocês são com certeza a melhor conclusão, o melhor diploma e a melhor formatura que essa faculdade me deu.

À Jéssica Moreira e Flávia Brown: patrocinadoras deste trabalho tão importante.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. QUE “NÊGA” É ESSA?.....</b>	<b>4</b>
2.1 O mito da democracia racial.....	4
2.2 A mídia e a mulher negra.....	7
2.3 O papel de uma mulher negra na sociedade.....	9
<b>3. ONDE ESTÃO OS NEGROS NA NOVELA?.....</b>	<b>15</b>
3.1 A novela como realidade brasileira.....	15
3.2 Personagens negros na década de 1970.....	17
3.3 Personagens negros na década de 1980 e 1990.....	19
3.4 Personagens negros nos anos 2000.....	21
<b>4. AS MULHERES NEGRAS DE 2016.....</b>	<b>27</b>
4.1 A força da mulher negra.....	27
4.2 A negra marginalizada.....	33
4.3 A exceção otimista da regra.....	39
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>46</b>



## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo problematizar os estereótipos sofridos pelas mulheres negras no Brasil. Entender que, por trás do discurso de democracia racial, o racismo e o preconceito velados do país se tornaram instrumentos pelos quais são praticadas opressões e limitações cotidianas sobre a população negra, algo que se reflete de maneira mais acentuada no caso das mulheres que sofrem duplamente, por serem mulheres e por serem negras é o primeiro caminho a ser traçado. Além de conviver, muitas vezes, com a precariedade financeira, acadêmica e social, sofrem também com rotulações perversas e limitadas feitas pelo senso-comum e por produtos midiáticos que conformam uma maneira racista de existir na sociedade, na medida que, não apenas deturpam a maneira com que são enxergadas, mas também transformam suas próprias visões sobre si mesmas, em maneiras limitadas de se enxergar. É necessário, então, expandir essa representatividade e evidenciar que existem outros espaços a serem preenchidos para além de serviços com baixa remuneração, do samba e outros processos de servidão negra que são rotulados pela sociedade.

Por outro lado, é possível notar que a população negra e, especificamente, as mulheres negras estão ocupando e conquistando cada vez mais lugares e espaços não só na vida real, como também dentro dos conteúdos de televisão. Por causa disso, torna-se necessário levantar outros questionamentos: quais lugares são esses? Como eles estão afetando essas mulheres positivamente e de qual forma?

Diante de um leque extenso de lugares e espaços a serem analisados, a pesquisa olha de perto a televisão brasileira, e mais precisamente, as telenovelas e séries produzidas no Brasil em 2016. Tal escolha é justificada pela necessidade de perceber como as produções mais recentes têm tratado o tema no cenário brasileiro. A proposta é verificar de que forma os efeitos dessas narrativas estão servindo para reforçar, mudar ou começar estereótipos positivos e negativos na população feminina negra.

O cerne do cenário nos coloca diante da problematização de como o racismo institucional atinge os produtos midiáticos e limita mulheres negras que, mesmo após superados séculos de escravidão, ainda não contam com os mesmos direitos que o restante

da população e, além disso, encontram no veículo brasileiro de maior penetração social, formas de se verem sexualizadas, exploradas e reduzidas a seres de pouca visibilidade e, quando essa visibilidade se faz presente, muitas vezes, se faz de forma pejorativa. O objetivo do trabalho é olhar para cada uma das representações de mulheres negras trazidas pelas ficções de audiovisual brasileira em 2016 de forma que seja possível analisar se existem avanços quantitativos ou qualitativos questionando-os e problematizando-os no que tange às personagens negras.

Numa aproximação com o objeto de estudo, foi possível detectar a raridade dos personagens negros como um todo durante a história da televisão brasileira e, nesse contexto, é possível ver também que os passos dados pelas mulheres estão ainda mais lentos. Através desses passos, ainda enxergamos poucas pausas dessa forma de narrativa para papéis com complexidade humana e que pudessem contribuir para uma visão mais ampliada de seus desafios ou positivas de si mesmas.

Foram escolhidas, então, nove personagens negras em destaque nas novelas e séries de 2016 no Brasil, com base no alcance que a trama atingiu e, em seguida, na atenção dispensada pela trama e pelo público para cada uma dessas personagens. Para além desses papéis, as produções aproximaram outras problemáticas com o tema racial, social e de gênero que também serão examinadas de perto.

A pesquisa foi feita através de uma análise discursiva com estudos de caso mistos e com base em dados qualitativos, baseada nos discursos tradicionais (provindos de produtos midiáticos, de entrevistas mediadas ou não) e virtuais (provindos de entrevistas, de interações e de produtos midiáticos mediados pela Internet). O estudo, inicialmente, trabalha com teorias sobre estereótipos das mulheres negras, expõe os personagens negros em destaque ao longo da história da TV brasileira e aproximará para as personagens de 2016, de forma que seja feito um estudo de caso híbrido de personagens de mulheres negras, com foco na pesquisa qualitativa.

Iniciaremos este trabalho diante das teorias por trás do que nos interessa para a análise de um discurso midiático voltado para o público feminino negro. O conceito de democracia racial, racismo institucional, ideologia de raça, junto com os rendimentos brasileiros destrinchados por cor e gênero e como funciona a mídia. Bem como conceitos

de representações cunhados pela mídia e pela sociedade sobre a beleza negra, denominações e formas diferentes de conceitos pré-formulados.

O segundo capítulo visa entender o processo de construção desses valores na televisão no Brasil e, mais adiante, a história da novela e como ela atinge os lares e seus habitantes. Narrando a trajetória dos personagens negros, homens e mulheres, problematizamos seus destaques, suas histórias e o horário que, muitas vezes, essas narrativas são ditas.

No terceiro capítulo, olhamos mais de perto para o ano de 2016 e para a análise de representação das personagens negras, nosso objeto de estudo propriamente dito. Destacando papéis em produções pontuais que deram ênfase para representações que tivessem semelhanças e pudessem ser organizadas por importância e visibilidade dado ao programa.

## 2. QUE “NÊGA” É ESSA?

Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até prá sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinado um monte de coisa pro criolêu da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava prá abrir um espaçozinho e todo mundo sentar junto na mesa. (GONZALEZ, 1983, p. 223)

A epígrafe foi utilizada na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil” em 2015 para ilustrar a identificação do oprimido com o opressor. A sua função foi embasar o entendimento sobre como o mito da democracia racial foi aceito e divulgado nos discursos da sociedade até os dias atuais e quais foram os processos que tenham justificado a sua construção.

### 2.1 O mito da democracia racial

O mito da democracia racial é bem ilustrado por Gilberto Freyre (1933) através da ideia difundida de que o Brasil seria um “paraíso racial” oriundo de um país miscigenado por negros, índios e trabalhadores europeus vivendo em harmonia, ainda que políticos e latifundiários estivessem preocupados em “embranquecer” a população.

A formação do povo brasileiro, a “meta-raça” segundo o autor, surgiu do cruzamento entre a índia e a escrava africana com o colonizador europeu, mesmo que essa colonização não tenha sido feita de forma consensual em sua maioria esmagadora. A ideia de que o Brasil existe proveniente de uma “raça única” de diversidade cultural e étnica, o fim do período escravocrata e a convivência pacífica entre grupos raciais distintos reafirma o mito de que vivemos em uma democracia racial, ignorando os aspectos sofridos exclusivamente pela população negra.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado, do endeusamento carnavalesco, ocorre no cotidiano dessa mulher no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (GONZALEZ, 1983, p.228)

O autor Hasenbalg (1979) evidencia a forma que a raça se mantém como símbolo

de posição hierárquica na divisão entre os indivíduos. Essas posições solidificam o processo separativo entre os membros da sociedade em grupos raciais, de forma que os grupos que pertençam à subalternidade sejam mantidos em seus “lugares definidos” perante o código invisível e cultural estabelecido entre eles. Dessa forma, é possível entender o racismo individual, uma espécie de ideologia do preconceito mantida através da crença de superioridade racial. Diferentemente do racismo institucional, o sistema regido por estruturas e instituições sociais através do tratamento diferenciado que determinados grupos, indivíduos e características físicas tidas como subalternas recebem.

Racismo institucional pode ser definido como o fracasso coletivo das instituições em promover um serviço profissional e adequado às pessoas por causa da sua cor. O termo foi utilizado de forma pioneira em 1967 pelos ativistas Stokely Carmichael e Charles Hamilton, integrantes do grupo Panteras Negras, para especificar como se manifesta o racismo nas estruturas de organização da sociedade e nas instituições. O racismo institucional não se expressa em atos manifestos, explícitos ou declarados de discriminação, mas atua de forma difusa no funcionamento cotidiano de instituições e organizações, que operam de forma diferenciada, do ponto de vista racial, na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população (SILVA et al. *apud* JUNIOR, 2009, p.147).

Ao que interessa esse trabalho mais de perto, tomando como referência este autor (SILVA, 2009), podemos refletir sobre como a forma violenta como o racismo institucional atinge a mulher negra é também oriunda da segregação e estereotipação do sexismo e machismo estrutural, com seu espaço delimitado na sociedade como escrava, mulata, doméstica e mãe preta. Dessa forma, se consideramos o discurso midiático como parte desse contexto social, a pobreza, exotificação e força como traços do preconceito e racismo incorporados na realidade de uma negra no Brasil, em regra, não são contestados nas personagens a quais elas assistem na televisão. Muito pelo contrário, reproduzem esses valores e as limitam na forma em que são representadas, reforçando a naturalização do racismo institucionalizado.

Em junho de 2015, a Larissa Borges, diretora de programas de Ações Afirmativas da SEPPIR, declarou que “a dor das mulheres negras é vista pelos profissionais de saúde de forma hierarquizada, como uma dor que pode esperar. Temos uma situação na qual o racismo determina a forma como vamos nascer, viver e morrer”. É essa mentalidade que faz com que mulheres negras recebam menos anestesia na hora do parto. É essa mentalidade que faz com que mulheres negras não recebam informações sobre alimentação apropriada durante a gravidez. É assim que muitas mulheres negras deixem de receber o acompanhamento

psicológico adequado.<sup>1</sup>

Segundo um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgado em Março de 2016, as mulheres negras brasileiras ainda possuem o rendimento 40% menor do que o rendimento total recebido por homens brancos. A pesquisa aponta que os homens continuam ganhando mais do que as mulheres (1.831 reais contra 1.288 reais, em 2014), as mulheres negras seguem sendo a base da pirâmide (946 reais, em 2014) e homens brancos, o topo (2.393 reais no mesmo ano)<sup>2</sup>. Números que refletem a baixa escolaridade e, conseqüentemente, pouca qualificação para cargos fora da área doméstica e com maior remuneração. As mulheres negras também são o principal alvo da violência no Brasil, conforme o estudo realizado pelo Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil, apontou que elas são 59,4% das mulheres vítimas da violência doméstica, 62,8% das vítimas de mortalidade materna, 65,9% da violência obstétrica e 68,8% das mulheres mortas por agressão, além da taxa de homicídio sofrido por mulheres negras ter subido 54,2%.<sup>3</sup> Os números ilustram que, embora os direitos das mulheres brancas ainda não estejam em equiparidade com os direitos dos homens, é a mulher negra que é a cidadã de segunda categoria.

Estas reflexões tornam visíveis que os problemas em relação a incorporação da questão racial nas práticas e nas formulações teóricas do movimento feminista têm a ver com o racismo fortemente existente em nossa sociedade. As mulheres negras são vistas como cidadãs de segunda categoria. A referência às mulheres é feita como se estas fossem um sujeito genérico, a questão racial aparece como sendo de responsabilidade das mulheres negras. Pode se dizer que numa sociedade em que a questão racial ainda é tabu, as conquistas do movimento feminista acabam por privilegiar as mulheres brancas em detrimento das negras. (RIBEIRO, 1995, p. 448)

São particularidades relativas a uma grande parcela tanto demográfica, quanto uma parcela significativa da audiência midiática, mas que não ganha espaço de debate como demandas relevantes perante a opinião pública.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/07/17/a-suposta-forca-infinita-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 13/04/2017.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/economia/mulher-negra-ganha-menos-de-40-da-renda-de-homem-branco-diz-ipea/>>. Acesso em: 09/04/2017.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/07/25/infografico-a-condicao-da-mulher-negra-no-brasil-em-numeros/>>. Acesso em: 21/04/2017.

## 2.2 A mídia e a mulher negra

A mídia e a arte, nesse assunto, demonstram que aos poucos vêm se preocupando em questionar e reverter a situação da representação dessas mulheres, uma vez que, nesse momento, um aumento no número de atores e atrizes negras vem sendo conquistado. Contudo, trata-se de um longo desafio, pois, assim como a vida real, a retratação e o reforço da imagem do padrão branco, como a referência de sucesso e beleza, segue sendo repetido pelo *mass media*.

A expansão mercantilista dos séculos XV e XVI educou um olhar que diferenciava corpos de senhores e escravos, de brancos e negros. O pensamento burguês, tendo como referência essa distinção, contribuiu para a noção moderna do corpo como propriedade individual e estimulou a formação de categorias para ordenar a leitura do corpo conforme o poder de interferência da classe e do indivíduo. Paralelamente à ascensão da ideologia burguesa, observa-se que os desdobramentos da Revolução Industrial tornaram visíveis os corpos operários, consumido na faina cotidiana, contrastando-os com os corpos-burgueses bem-sucedidos, limpos e perfumados. (PEREIRA; GOMES, 2001, p.212)

O autor Muniz Sodré (SODRÉ, 2003) ilustra como o entendimento universal de que os seres humanos possuem diferenças entre si, sendo elas, sociais, raciais e de gênero funciona. De forma que, quando falamos de globalização e miscigenação cultural, estamos, na verdade, tratando de um universalismo econômico fundamentado na cultura etnocentrista europeia. A segregação, para o autor, existe devido à valorização do Ocidente sobre o Oriente e é enraizada na forma como o ser humano comporta-se, a qual chama de “sintoma filosófico da barbárie moderna”. Essa separação entre indivíduos, e mais tarde, em grupos, que valorizam o etnocentrismo europeu, retomam essa separação e constroem e solidificam a discriminação na mente humana à medida que obedecem tais regras sociais. Fundamentadas não só na economia, essas regras, permeiam a forma cultural e comportamental em que os indivíduos se orientam para hierarquizar grupos étnicos, sociais e de gênero.

Ao entendermos e validarmos essas regras, os grupos sociais, raciais e de gênero e suas diferentes “aptidões”, são hierarquizados e, conseqüentemente, suas diferenças. Uma vez que esses grupos estão divididos, temos uma pirâmide e justificamos a discriminação e as relações de poder. Na lógica de dominação, os negros e, especialmente as mulheres negras, estariam no nível mais baixo da discriminação perdendo, sucessivamente, para o

homem branco, o homem negro e a mulher branca:

As mulheres negras são discriminadas como mulheres e como negras. Muito embora a participação das mulheres no emprego industrial no Brasil tenha mais do que triplicado desde 1970, as mulheres sempre ganham menos do que os homens. Em São Paulo, o maior centro industrial da América Latina, por exemplo, as diferenças de renda entre homens e mulheres com qualificação similar em todas as faixas de renda é a maior encontrada nas Américas. As mulheres negras ganham menos do que as mulheres brancas mesmo nos mesmos tipos de empregos. Em 1985, por exemplo, mulheres assalariadas ganhavam menos do que os homens brancos ou negros com o mesmo nível de educação, ao mesmo tempo em que as mulheres negras ganhavam menos do que mulheres brancas com a mesma qualificação. De acordo com a PNAD de 1990, era mais difícil para as mulheres pretas e pardas terem carteira assinada e receberem o salário mínimo legal. Enquanto 49% das pretas e 46,9% das pardas tinham carteira assinada a percentagem de mulheres brancas era de 60,6% a de homens pretos 56,8% a de homens pardos 51, 8% e a de homens brancos 67,7%. (REICHMANN, 1995, p. 498)

A sociedade e a rede de mídias que é gerida por ela (seja ela televisiva, cinematográfica, musical ou comportamental) reproduz historicamente um padrão em que a população negra é vista como pobre, ameaçadora e sem capacidade intelectual. Constantemente, esse grupo é associado a criminalidade, perigo ou apenas a trabalho braçal, aptidões físicas e sexuais. Isso é naturalizado e validado por uma maioria dos atores sociais quando presumem que uma criança negra é um assaltante em potencial, marginal, ou quando uma mulher negra tem suas maiores qualidades reduzidas a aptidões físicas sexualizadas, uma vez que o padrão de beleza feminino que prevalece reconhecido ainda é o branco. Essa mesma naturalização feita pelos indivíduos é reproduzida no jornal, no rádio e na televisão:

O conteúdo das representações depende das relações entre os grupos, na medida em que serve para justificar certo modo de encadeamento das relações, mantendo, ao mesmo tempo, a especificidade e a identidade de cada grupo. “Isso não significa que a representação apenas segue – adaptando-se e justificando – o encadeamento da interação, mas ao contrário, ela intervém, antecipando-o ativamente, na determinação deste encadeamento.” (ALMEIDA, 2009, p.725)

Intitulado como o principal concurso de beleza no país, o Miss Brasil teve início em 1954 e apenas pôde ter a sua primeira representante negra no ano de 1986, com Deise Nunes<sup>4</sup>. Iniciada em 1995, a novela *Malhação*, exibida pela Rede Globo, teve a sua

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://focuswebnews.com/deise-nunes-a-miss-brasil-negra/>>. Acesso em: 21/04/2017.



sua primeira protagonista negra 21 anos depois, interpretada por Aline Dias<sup>5</sup>.

Além disso, deve-se destacar também o problema da invisibilização das conquistas de mulheres negras. Carolina de Jesus teve o seu diário como o livro mais vendido no Brasil em 1960, mas não teve reconhecimento assumido antes da década de 70<sup>6</sup>. Um dos motivos centrais pelos quais mulheres negras tiveram sua visibilidade velada ou atingida tardiamente é a reprodução na mídia do racismo e do machismo. Conseqüentemente, a consolidação das desigualdades raciais, tornam-se práticas histórica entre os integrantes de nossa sociedade.

Do lado da perspectiva da população negra acerca desse problema, é preciso analisar, então, como essa ela recebe e vive os efeitos destas representações. Esse processo de representatividade, na maioria dos casos, torna as conseqüências ainda mais dolorosas para as mulheres negras impactadas ao incorporarem uma forma racista, machista e limitada de se ver, e em seguida, validam suas existências da mesma forma. Essa cultura após adquirir valor social e ser transmitida no maior veículo de informações brasileiro, a televisão, produz nessas mulheres um tipo de reconhecimento e naturalização desses locais predeterminados pelo racismo e machismo.

### **2.3 O papel de uma mulher negra na sociedade**

Esses lugares de representação limitaram, historicamente e de forma societal, a presença da mulher negra no papel de escrava, doméstica que serve o branco, mãe preta que amamentou as crias da Casa Grande e a mulata que deu a primeira sensação de um homem. Retrato dito por Freyre (1993) como a marca da influência negra que perdura até os tempos atuais.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se declinam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/pela-primeira-vez-em-21-anos-malhacao-tera-protagonista-negra-19519723>>. Acesso em: 29/04/2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/05/27/carolina-maria-de-jesus-a-midia-racista-e-a-literatura-no-quarto-de-despejo/>>. Acesso em: 29/04/2017.

que nos contou as primeiras histórias de bicho e mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (FREYRE, 1933, p.343)

O estereótipo histórico de mulher trabalhadora e incansável é um dos mais reforçados, em vigor desde a escrava africana e se adaptando às mudanças econômicas e culturais da sociedade. Se no século XIX, a mulher negra era explorada como escrava, supostamente provida de resistência física infinita sob tortura e sem qualquer dignidade, algo que hoje se reproduz nas trabalhadoras negras que são força de trabalho, muitas vezes braçal, com os mais baixos valores monetários<sup>7</sup>.

Através de eufemismos ou discursos hostis, a mulher negra transita entre a indesejabilidade e a hiperssexualização: às vezes, feia de forma que o seu corpo e suas características fenotípicas sejam menosprezadas, mas que outras vezes, consegue se enquadrar no papel de “mulata” sensual e provocante<sup>8</sup>. Não é difícil de perceber, também, que mesmo a preta, com tons mais claros e com o cabelo mais fino, não é verdadeiramente aceita em sociedade, ela é vista como uma ameaça moral e oportunista à família tradicional transvestida no termo “da cor do pecado” (ARRAES, 2013). À ela não está, portanto, destinado o papel da esposa, da princesa à espera de um sonhado amor romântico dramatizado nas ficções especialmente para personagens brancas. Essas mulheres negras também sofrem com o preterimento e exotificação de sua cor institucionalizados pela herança colonizadora da sociedade brasileira:

No último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, dados sobre a mulher negra brasileira chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil. O quadro pincelado pelas estatísticas tem cores extremamente vivas para as mulheres negras brasileiras, que, de acordo com inúmeros relatos, sentem na pele os efeitos da solidão e do preterimento durante toda a vida.

A sua representatividade sexual é, por muitas vezes desvinculada da nudez em si, ainda menos vinculada a quem desempenha espaços de natureza erótica e, sim, por conta

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/mulheres-negras-de-baixa-escolaridade-sao-maioria-no-emprego-domestico-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 21/04/2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/hiperssexualizacao-da-mulher-negra-e-politica-da-respeitabilidade/#gs.RCVqVfo>>. Acesso em: 21/04/2017.

do confinamento imaginário das mulheres negras a lugares que reduzem sua multiplicidade e complexidade humana (RIBEIRO, 2016). A cor negra em um corpo feminino esteve, ao longo da história, em personagens de escravas nas novelas brasileiras e nas empregadas domésticas submissas aos abusos dos personagens brancos, com um espaço pequeno de exceção durante o Carnaval com suas passistas e a Globeleza. Ainda assim, trata-se de uma representação positiva sustentada em suas aptidões físicas, bastante sexualizadas. A pele feminina negra e a sexualidade objetificada ligada à ela é uma das heranças coloniais em que a boa mulher deveria ser europeia e cristã e a nudez da mulher africana foi ligada à promiscuidade:

Mesmo depois da abolição, o estupro e o abuso não parou: o medo que mulheres negras tinham de denunciar homens brancos de estupro e abuso era justificado e a prática se manteve até hoje — a negra ferosa que tá procurando, sabe como é...Essa imagem sexualizada da mulher negra devoradora de homens como um contraponto da mulher branca comportada é amplamente usada na mídia. [...] A mulher branca permanece uma ótima esposa enquanto as mulheres negras se fixaram como as melhores amantes.<sup>9</sup>

Desde o período colonial as mulheres negras eram vistas, naturalmente, sensuais e sedutoras de homens brancos. Essas classificações, vistas a partir do olhar do colonizador, vitimizam o homem branco e romantizam o fato de que essas mulheres estavam na condição de escravas e, em grande parte das vezes, eram estupradas e violentadas. Esse cenário se mantém nos dias atuais no que tange a solidão de uma mulher negra: embora uma negra de pele mais clara seja alvo, em sua maioria, das investidas de um homem branco enquanto ele a utiliza para satisfazer os seus desejos sexuais, o homem negro ainda encontra dificuldade em assumir um relacionamento com uma mulher negra, uma vez que no posto de negro, ter o relacionamento com uma branca, válida a sua ascensão social. Se o cenário for recortado para peles mais escuras, se torna ainda mais problemático.

O “gosto”(aqui entendido enquanto escolha afetiva) por mulheres não negras é a regra. O “gosto”(aqui entendido enquanto fetiche sexual) das mulheres negras se dá nas curiosidades que se manifestam através da manutenção de uma ideia socialmente construída sobre a forma com que essas mulheres transam. A objetificação das mulheres negras ainda apresenta os mesmos contornos da escravização, elas são experimentadas, como alimentos, apropriadas como objetos, predestinadas a instabilidade de relações afetivas problemáticas ou inexistentes. [...]

A fragilidade do ego masculino e os padrões de masculinidade fazem de mim uma

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelas-brasileiras/>>. Acesso em: 27/05/2017.

mulher pouco atrativa. Negra, com ensino superior, ativista social com alguma visibilidade. Difícil de apresentar para família. Se for um homem negro com o mesmo status que eu, ele certamente acessará uma mulher branca, que lhe confirmará o sucesso social. Além de bem sucedido profissionalmente, bem sucedido afetivamente para os olhos do mundo, um negro tão diferenciado que ostenta um casamento com uma branca. Para um homem branco, assumir uma mulher negra implica na necessidade de enfrentar o racismo nas suas relações familiares e entre os amigos, e, ainda, se este homem estiver em um status social inferior ao meu, seu ego é reduzido. Não há disponibilidade para isso. Ainda que exista amor. O mesmo se dá para um homem negro em status inferior. Nesse diagnóstico, de novo, os números falam mais alto, segundo o Censo, “homens pretos tenderam a escolher mulheres pretas em menor percentual (39,9%) do que mulheres pretas em relação a homens do mesmo grupo (50,3%)”.<sup>10</sup>

No específico contexto brasileiro, a mulher negra, no imaginário popular representada principalmente pela *Globeleza* segue, inclusive, um padrão de seleção idêntico ao que era feito pelos senhores de engenho ao escolher as suas escravas. As que eram selecionadas como mais “bonitas” eram escolhidas para trabalhar na casa-grande, de uma forma que já fossem definidas as vítimas de assédio e estupro. Comumente, as escravas de pele mais clara, com traços mais finos, assumiam esses postos de serviço (RIBEIRO, 2013) o que é, também, uma derivação do preterimento vivido pelas mulheres negras fora da televisão, o negro “mais bonito” é o que mais se aproxima às características derivadas do padrão estético europeu.

Segundo a autora Eloá Nascimento (2014), o surgimento da *Globeleza* como a conhecemos hoje foi oriundo de um dos mais famosos projetos de marketing internacional implementado pela Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e pelo Ministério do Turismo. Foi solicitada a criação de uma imagem internacional do país que escondesse seus problemas políticos e a indignação da população, e que permitisse que fossem atraídos turistas de todo o mundo, principalmente dos Estados Unidos e da Europa, aquecendo um mercado ainda pouco explorado no país. O governo criou, então, uma estratégia de marketing baseado em “samba, mulata e futebol”.

O termo “mulata” perpassa a história como uma palavra pejorativa para designar a mestiçagem. Ainda que tenha sido naturalizado na maior parte dos ambientes atuais, foi cunhado pelos senhores de engenhos como uma mistura imprópria. Ilustrado pela autora Djamila Ribeiro (2017), a origem espanhola da palavra deriva de “mula” ou “mulo” para

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/uma-mulher-tantos-preterimentos/#gs.7boWjUA>>. Acesso em: 27/05/2017.

fazer referência àquilo que é híbrido em relação ao cruzamento de espécies, sendo “mulas” os animais nascidos do cruzamento dos jumentos com éguas ou dos cavalos com jumentas. Empregado desde o período colonial, a palavra foi construída e utilizada até hoje para designar mulheres negras de pele mais clara.

A “mulata” então, era, na verdade, a mulher negra e sua beleza, oferecida em propagandas e em imagens dos desfiles das escolas de samba como um dos “serviços” que poderiam ser encontrados no Brasil. Houve uma aceitação geral e a partir daí, a imagem da mulher negra, sua nudez e sua dança passaram a ser exploradas ostensivamente pelos grandes meios de comunicação, assim como pelos “serviços” de turismo oferecidos no país.

O corpo feminino negro é sugado em sua essência. Mesmo o ato da maternidade, vem sendo, historicamente, deturpado e manipulado. Tida como a fonte do leite materno, as escravas foram, em sua maioria, responsáveis pelos alimentos dos bebês brancos no século XIX como ama-de-leite. Estupradas e tendo suas crias arrancadas de seus braços, proviam o leite e os cuidados das crianças brancas na casa grande em detrimento de seus filhos.

A figura da mãe negra virou tema central nas representações da escravidão produzidas no interior das sociedades escravocratas e mesmo fora delas. Em países como Cuba, Estados Unidos ou Brasil elas se converteram no lado romântico e sentimentalizado da escravidão, aparecendo de forma frequente em textos, mas também na cultura visual da época. O suposto era que, diferente da face violenta do cativo, elas – as amas, as nannies ou as mammies – representavam os laços de amor que uniam um senhor/a branco às suas amas de leite.

De tão veiculada, essa imagem acabou resumindo a própria compreensão da escravidão, sobretudo aqui no Brasil. Em nosso país, com o objetivo de contrabalançar o vexame que significava manter um sistema como esse, por tanto tempo e de forma tão disseminada, buscou-se difundir uma visão positiva, como se fosse possível prever apenas uma boa e pacífica relação.<sup>11</sup>

Das amas-de-leite foi construída a “aptidão” da mulher negra para as tarefas domésticas. A melhor babá, a melhor cozinheira e a figura da mão negra voluptuosa e de sorriso amável sempre disposta a ajudar e ouvir perpassam o imaginário popular e o senso comum personificando a mãe preta. Essa mãe negra, no século XXI, trabalha como empregada doméstica e babá em uma família branca. Como ilustrado pela autora Lélia

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/afeto-e-violencia-sobre-maes-negras-amas-de-leite-e-babas/#gs.OOMQU=U>>. Acesso em: 14/04/2017

Gonzalez (1983), é a mulher preta, pobre, marginalizada e moradora da periferia quem mais sofre os efeitos da culpabilidade branca. É essa mulher que sustenta a sua própria casa e os filhos com o resultado do seu trabalho com baixa remuneração enquanto seus filhos e maridos estão sofrendo a perseguição policial de mãos brancas.

Todas as torturas sofridas durante o período escravocrata renderam a mulher negra o estereótipo de ser mais forte do que as mulheres brancas. A baixa remuneração oriunda do trabalho braçal, a solidão afetiva e sua resistência histórica reforçaram a força intrínseca e inesgotável de uma mulher negra, tida como capaz de suportar qualquer tipo de dor, violência e sofrimento. Essa força embora pareça uma qualidade, e possa agir como tal em determinadas situações, a coloca, em sua maioria, em situação de perigo. Restou para a mulher negra ser a raça e o gênero a que não é permitido fraquejar, que pode esperar e que pode ter suas agressões dos mais diversos tipos, naturalizados.

### 3. ONDE ESTÃO OS NEGROS NA NOVELA?

O presente capítulo se dedicará a debater a trajetória da novela e, mais precisamente, dos personagens negros, no Brasil de forma que seja possível analisar o caminho que foi percorrido com a chegada da televisão no país, a primeira telenovela brasileira e, mais adiante, a inserção desses personagens e papéis designados a eles desde o seu início até o ano de 2015. O modo como a televisão e, mais precisamente, a telenovela atinge e impacta os lares brasileiros contribui muito para a representatividade e, vice-versa, além de contribuir para a análise do discurso midiático e de quais foram esses efeitos para a população feminina negra.

#### 3.1 A novela como realidade brasileira

Após a chegada da televisão no Brasil em 1950<sup>12</sup> foi exibida, pouco mais de um ano depois, a primeira novela brasileira “Sua vida me pertence” pela extinta TV Tupi. Em 1970 as novelas se tornaram um produto inteiramente brasileiro e com grandes sucessos liderados pela Rede Globo e também pela TV Tupi<sup>13</sup>. Atingindo números expressivos de telespectadores até os dias atuais como, por exemplo, a marca de 38 milhões de pessoas assistindo a final da novela Avenida Brasil em 2012<sup>14</sup>, o gênero da teledramaturgia brasileira é presença maciça nos lares do país, conceito ilustrado pela autora Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

A presença maciça da televisão em um país situado na periferia do mundo ocidental poderia ser descrita como mais um paradoxo de uma nação que, ao longo de sua história, foi representada, reiteradamente, como uma sociedade de contrastes acentuados, entre riqueza e pobreza, modernidade e arcaísmo, Sul e Norte, Litoral e Interior, campo e cidade. E, de fato, a televisão está implicada na reprodução de representações que perpetuam diversos matizes de desigualdade e discriminação. Mas, também é verdade que ela possui uma penetração intensa na sociedade brasileira, devido a uma capacidade peculiar de alimentar um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras. Longe de promover interpretações consensuais mas, antes, produzir lutas pela interpretação de sentido, esse repertório compartilhado está na base das representações de uma comunidade

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv50.htm>>. Acesso em: 29/04/2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/telenovela-brasileira-historia/>>. Acesso em: 29/04/2017.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/especialistas-explicam-fenomeno-avenida-brasil-6448625>>. Acesso em: 29/04/2017.

nacional imaginada que a TV capta, expressa e constantemente atualiza. (LOPES, 2003, p.18)

Desde o início da exibição da novela no Brasil e recortando, em seguida, por personagens interpretados por atores e atrizes de cor negra, é possível detectar uma espécie de “lugar comum” em que eles se encontram. Com um pequeno espaço de exceção para personagens negros de classe média e bastante específicos quanto a pequena importância dentro da trama principal, conseguimos reconhecê-los e agrupá-los dentro de grupos de personagens domésticos, criminosos e vítimas da solidão familiar como a personagem de Isaura Bruno em “O Direito de Nascer”.

Após 13 anos da primeira novela exibida pela TV Tupi, em 1964, aparece a primeira personagem negra protagonizando uma teledramaturgia do gênero, interpretada pela atriz Isaura Bruno em “O Direito De Nascer”, também exibida pela extinta TV Tupi. O sofrimento da pobre mãe negra lutando pelo seu filho branco de criação foi representado através da mãe negra da literatura, ama-de-leite e presa na senzala. A comoção dos espectadores anunciava que esse seria o prenúncio dos negros na telenovela brasileira. Mas Isaura Bruno atua apenas em mais três novelas e morre pobre, vítima de enfarte enquanto vendia doces nas ruas da cidade de Campinas/SP (ARAÚJO, 2000).

É importante percorrer, então, a análise do discurso de tão importante representação social, como a TV, com a população negra do país que no ano de 2015 representava 54%, mas ainda constituía 17% entre os mais ricos<sup>15</sup>. Para o autor Kellner (2001) é essencial olhar através das imagens repetidas pela cultura da mídia e de consumo e quais são os interesses por trás daquela produção e divulgação. Ele considera que essas culturas estão, paralelamente, caminhando juntas na difusão de pensamentos e comportamentos que sustentem valores e ideologia que pretendem expandir ou perpetuar, excluindo, assim, a hipótese de seleções aleatórias ou de uma possível preocupação com a representatividade ou democracia identitária. Dentro de um produto midiático, será sempre possível detectar vestígios de alguma afirmação, resistência ou ideologia de pensamento. Dessa forma, a novela participa não só em representar a realidade brasileira, mas também no processo de

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>>. Acesso em: 29/04/2017.



transformar essa realidade.

A telenovela pode ser considerada, no contexto brasileiro, o nutriente de maior potência do imaginário nacional e, mais que isso, ela participa ativamente na construção da realidade, num processo permanente em que ficção e realidade se nutrem uma da outra, ambas se modificam, dando origem a novas realidades, que alimentarão outras ficções, que produzirão novas realidades. O ritmo dessas transformações passa a ser a questão. (MOTTER, 2003, p.174)

### 3.2 Personagens negros na década de 1970

A televisão brasileira exhibe negros protagonizando suas telenovelas novamente em 1969, com “A Cabana do Pai Tomás” produzida e exibida pela Rede Globo, mas, dessa vez, com um casal negro. O principal personagem é o escravo Pai Tomás, interpretado por Sérgio Cardoso, que, ao lado da esposa Cloé, Ruth de Souza, enfrenta os senhores de engenho à procura de liberdade<sup>16</sup>. Para viver um negro, Sérgio Cardoso, ator branco, precisava pintar o rosto e o corpo de preto, usar peruca e colocar rolhas no nariz. A técnica, conhecida como *blackface* e ainda utilizada atualmente, já havia sido usada no início do cinema americano e há indícios de que tenha nascido lá<sup>17</sup>.

O termo -e a técnica- para a autora Stephane Paes (2014) é utilizada como uma caricatura do indivíduo negro lançando mão dos estereótipos criados e perpetuados pelos brancos ao longo do século. A padronização do corpo negro em seus traços, corpo e cabelo além de ser um objeto de ridicularização e de manter atores negros distante do campo de atuação, uma vez que o próprio branco já está fazendo esse papel, também retira a sua capacidade de representação de si mesmo. Também símbolo de polêmicas atuais em torno da apropriação cultural, a técnica se utiliza de retirar elementos de uma cultura, enquanto a banaliza e ignora suas agressões.

A apropriação cultural acontece quando elementos de uma cultura são adotados por indivíduos que não pertencem a esta cultura. Isso inclui o uso de acessórios e roupas, a exploração de símbolos religiosos, o sequestro de tradições e de manifestações artísticas. A apropriação cultural é especialmente terrível quando se trata de elementos de uma cultura historicamente marginalizada e explorada. A linha entre apropriação cultural e intercâmbio cultural é tênue. Intercâmbio cultural é um fenômeno natural e bem frequente. Mas a apropriação cultural é um processo bem problemático que precisa ser mais bem compreendido, pois dá uma margem enorme para que elementos de uma cultura sejam banalizados,

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/86388/>>. Acesso em: 29/01/2016.

trivializados e estereotipados. Um grande problema de sequestrar elementos de culturas não dominantes e adotá-los de maneira descontextualizada, é que as pessoas que fazem a apropriação se beneficiam dos aspectos que julgam “interessantes” de uma cultura, ignorando os significados reais desses elementos, enquanto os membros dessa cultura tem que lidar com opressão diariamente.<sup>18</sup>

Em 1973, a Rede Globo exibe a novela “O Bem-Amado”, novamente um casal negro, mas interpretado por Milton Gonçalves e Ruth de Souza, Zelão e Chiquinha do Parto, respectivamente, pobres e estereótipos da periferia. No último capítulo, o Zelão é exibido subindo a torre da igreja, enquanto a voz de Mário Lago narra: “Aqui, a nossa história pára, pois tudo o que sabemos daí em diante é de ouvir contar.” Zelão se movimenta fazendo o sinal da cruz e se atira do alto da igreja, batendo suas asas<sup>19</sup>. O personagem, que representava a liberdade, teve grande destaque na trama que abordava a ditadura.

Em 1975 é produzida e exibida, pela primeira vez, a novela “Pecado Capital” entre 24 de novembro e 4 de junho do ano seguinte<sup>20</sup>. A novela contava com o ator Milton Gonçalves como o personagem Percival, um psiquiatra bem-sucedido que ensaiava ter um romance com a personagem Vitória (Theresa Amayo). Embora em um núcleo secundário, a trama tentava levantar o debate da discriminação racial propondo um relacionamento interracial, mas o público insistiu para que isso não acontecesse e a história foi abandonada<sup>21</sup>. Percival, embora fosse uma das exceções de um personagem negro classe média, foi retratado como um personagem sem destaque e raso.

As telenovelas são um planeta branco, aqui e ali salpicado de pretos \_o chofer, a cozinheira, o policial... Realistas no sentido em que são essas de fato as profissões comuns dos negros reais, mas falsificados no sentido em que eles não têm família, não têm idéias nem sentimentos, salvo os dos patrões: são coisas, apêndices, e não pessoas. (RUFINO DOS SANTOS, 1988, p.34)

“Escrava Isaura”, telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, foi exibida pela primeira vez, no horário das 18 horas em 1976. Retratando o período escravocrata e com a

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/apropriacao-cultural/#gs.zYcMCZ4>>. Acesso em: 27/05/2017.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/colunistas/o-bemamado/2861/>>. Acesso em: 24/04/2016.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pecado-capital-1-versao.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pecado-capital-1-versao/vitoria-e-percival.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

principal pauta sendo o abolicionismo e o romance entre uma escrava e o senhor de engenho<sup>22</sup>, a escalção da principal personagem que, também dava nome à novela, é polêmica até os dias atuais: Isaura foi vivida por Lucélia Santos, uma atriz branca. Segundo a autora Danúbia Fernandes (2007), a opção do autor da trama, Bernardo Guimarães, por descrever Isaura como uma branca, correspondia às demandas de uma sociedade racista em pleno século XIX que ainda enxergava em uma negra, o estereótipo lascivo e imoral, sendo necessário uma atriz branca para remeter à inocência e à pureza de sua personagem.

Tal representação apenas confirmou a versão oficial que indica os brancos como líderes na luta pela liberdade dos negros. E o que é mais trágico, a única personagem afro-brasileira que demonstrou consciência de sua época e orgulho de si mesma foi escrava 'Isaura', interpretada, em suas duas versões, por atrizes brancas. (FERNANDES, 2007, p.4)

### **3.3 Personagens negros na década de 1980 e 1990**

Em 1984, o romance entre uma mulher negra e um homem branco, embora em personagens secundários, se torna tema de uma trama novamente, mas dessa vez em um relacionamento bem-sucedido. “Corpo a Corpo”, produzida e exibida pela Rede Globo, tinha Zezé Motta e Marcos Paulo como o casal Sônia e Cláudio<sup>23</sup>. Sônia, mesmo de família classe média é, frequentemente, discriminada pela família do namorado. O relacionamento dos personagens foi levado até o final e causou polêmica entre os telespectadores.

O ator Marcos Paulo declarou que a sua secretária eletrônica ficou congestionada por recados racistas e impúblicáveis, Zezé Motta sentiu o preconceito de forma inversa; as pessoas que a assediavam nas ruas diziam que ela era “uma sortuda por ter fígado aquele gatão branco” [...]. (ARAÚJO, 2004, p.249)

“Sinhá Moça”, produzida e exibida em 1986 pela Rede Globo na sua primeira versão, foi escrita por Benedito Rui Barbosa<sup>24</sup>. Diferentemente de “Escrava Isaura”, a novela, embora protagonizada por brancos, era marcada por ter heróis negros dentro do tema da escravidão, exibindo personagens negros conscientes de sua raça e dispostos a

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/escrava-isaura.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/corpo-a-corpo/acoes-socieducativas.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/sinha-moca-1-versao.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

lutar. Para a autora Danúbia Fernandes (2007, p.6): “Se por um lado, Sinhá Moça’ encarna o arquétipo da princesa Isabel, Rodolfo (Marcos Paulo), por outro, personifica o próprio irmão do quilombo”.

A novela “Pátria Minha”, novela de 1995, exibida pela Rede Globo, pretendeu promover a discussão racial e o mito da democracia racial através do padrão branco que destilava racismo com o funcionário negro, mas culminou em acusações racistas. A novela trazia cenas de embate entre os dois que evidenciava o racismo individual e social, mas recebeu ações judiciais da comunidade negra que culpavam a emissora de reproduzir uma cena racista através da ausência de posicionamento do personagem vivido por Alexandre. Nela, o personagem empresário e vilão, vivido por Tarcísio Meira, humilhava o seu empregado negro, Alexandre Morenno, que apenas chorava, sem esboçar qualquer reação mais corajosa<sup>25</sup>.

Os negros voltam às telenovelas brasileiras em 1996 com a exibição de “Xica da Silva”, produzida pela extinta Rede Manchete. “Xica da Silva” é, até então, a primeira novela cujos protagonistas são baseados em pessoas e fatos reais. Francisca da Silva de Oliveira foi uma escrava que viveu no Arraial do Tejuco, hoje Diamantina, no século XVIII, fazendo com que Taís Araújo fosse a primeira protagonista negra, em uma novela, na história da televisão brasileira<sup>26</sup>. Extremamente sensual e com forte retratação histórica e racial, a novela se consolidou como uma trama que retratou a crueldade da escravidão no Brasil<sup>27</sup>. A novela também foi destaque em retratar uma personagem próxima da realidade vivida no período da escravidão: negros com consciência racial e dispostos a enfrentar as mazelas do racismo.

A vida de Francisca da Silva de Oliveira já havia sido romanceada através do filme de Cacá Diegues, que recebeu o mesmo nome da novela, em 1976, nesta vez interpretada

---

<sup>25</sup>Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/sala-de-tv/blog/2015/05/31/%E2%80%98cabelo-ruim%E2%80%99-babilonia-denuncia-o-racismo-na-infancia/>>. Acesso em data: 24/04/2016.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://ruareginatizomseolin.blogspot.com.br/2015/03/xica-da-silva-uma-telenovela-brasileira.html>>. Acesso em: 29/01/2016.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.aparatodoentretenimento.com.br/2016/02/controleremoto-xica-da-silva-xica.html>>. Acesso em: 29/01/2016.

pela atriz Zezé Motta<sup>28</sup>. Zezé Motta conta que, no mesmo ano, fazendo curso de teatro no Tablado, ouviu de uma vizinha: “Não sabia que para fazer papel de empregada, precisava fazer teatro<sup>29</sup>.” Ao contrário do que indicava Isaura Bruno em 1964, Zezé, sim, ouviu o que podemos chamar de prenúncio do papel do negro na televisão brasileira por anos: uma mulher negra teria o papel de escrava ou empregada doméstica.

No elenco de uma telenovela, ao ator negro será destinado um personagem para o qual já está previsto a característica étnica. Em outras palavras, um personagem que possa ser indiscriminadamente representado por um negro ou por um branco, o será por um ator branco. Ao ator negro somente lhe cabe o personagem construído como negro. E ainda, personagens, quase sempre, secundários ou descartáveis, interpretando papéis sociais subalternos dentro da estrutura social brasileira. (FERNANDES, 2004. p.13)

O autor Manoel Carlos, conhecido por retratar em suas novelas temas polêmicos em voga na sociedade, traz o preconceito racial em sua novela “Por Amor” em 1997, também produzida e exibida pela Rede Globo<sup>30</sup>. A atriz Maria Ceíça vivia Márcia, uma negra que tinha por destaque na trama a sua beleza, e mantinha um relacionamento com um homem branco, Wilson, (Paulo César Grande). A pauta começa a ser debatida com a relutância de Wilson em ter um filho com a personagem, de forma que a história sugere que o empecilho seja, única e exclusivamente, ser um filho possivelmente negro. A discussão continua quando, separados, Márcia é, constantemente, confundida com a babá da criança que possui fenótipos brancos (ARAÚJO, 2004).

### **3.4 Personagens negros nos anos 2000**

Taís Araújo volta a protagonizar em 2004 a telenovela “Da Cor do Pecado”, exibida pela Rede Globo, ao lado de Reynaldo Gianecchini, como Preta e Paco, respectivamente<sup>31</sup>. A novela mira no preconceito entre casais interracialis com o intuito de levantar a discussão sobre o assunto, mas acerta também em outra representatividade problemática: o

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/chica-silva-senhora-procedencia-435631.shtml>>. Acesso em: 29/01/2016.

<sup>29</sup> ARAÚJO, JOEL ZITO. Título: A Negação do Brasil – O Negro Na Telenovela Brasileira. Filme. Produção de Luis Antonio Pillar, Juca Cardoso e Vandy Almeida, direção de Joel Zito Araújo. Brasil, Casa De Criação, 2000. Colorido, 91 minutos. Documentário. Som: Toninho Muricci

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/por-amor.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

<sup>31</sup> Disponível em: <[http://www.visaoreal.com.br/da\\_cor\\_do\\_pecado.htm](http://www.visaoreal.com.br/da_cor_do_pecado.htm)>. Acesso em: 29/01/2016

estereótipo da negritude como fonte do prazer, do pecado e da luxúria. O título da novela - e sua trilha principal - é bastante pontual.

Em “Da cor do pecado” a crítica inicia-se no título. Afinal, qual é a cor do pecado? O corpo nu de uma mulher negra, apresentado nos últimos takes da abertura da novela, nos remete a uma possível resposta, a mais óbvia ao espectador médio. Resposta que, vale ressaltar, converge com o senso comum brasileiro que associa a mulher negra à sensualidade, à sexualidade. E ainda, é preciso observar que o título não faz uma pergunta, ao contrário, ele afirma: o negro é a cor do pecado. (FERNANDES, 2007, p.6)

A expressão utilizada no título devolve a mulher negra à senzala, de onde historicamente só saía para satisfazer os desejos sexuais dos senhores da casa grande (FREYRE, 2006).

Produzida e exibida pela Rede Globo em 2006, a novela “Cobras e Lagartos”<sup>32</sup> fez parte do pequeno grupo de novelas que contou com protagonistas negros e um núcleo negro em destaque. Pensada para que existisse quatro principais personagens brancos com fenótipos europeus, foi Foguinho, Lázaro Ramos, e Ellen, Taís Araújo, que foram os principais da trama. Foguinho, pobre e humilhado pela própria família, nutria uma paixão pela bela Ellen, ambiciosa e de caráter duvidoso. Após enriquecer através de uma fortuna roubada, o casal começa a ter um relacionamento e cai nas graças dos telespectadores. Foguinho termina com uma situação estável e sem ser considerado vilão e Ellen protagoniza cenas de humor, mas com debate racial, com Leona, personagem da atriz Carolina Dieckmann.

Em 2006, a Rede Globo produziu e exibiu a minissérie “Antônia”<sup>33</sup>, pioneira no país com quatro personagens negras protagonistas. Periféricas de uma grande cidade, as personagens trabalhavam diferentes cenários: mães solteiras, parceiras abusadas e integrantes de prisão condicional, foi considerada uma versão feminina e paulistana do filme “Cidade dos Homens” em que homens negros “guerreiros” atingem a audiência por sua “luta” para os mais otimistas, mas também, com exceção da protagonização negra, se tratava novamente de um lugar comum preenchido.

No mesmo estilo de recorte de teledramaturgia, a minissérie “Sexo e as negas” foi

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cobras-lagartos.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/antonia.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

exibida e produzida pela Rede Globo em 2014<sup>34</sup> e mostrava a vida de quatro moradoras negras da Cidade Alta de Cordovil, subúrbio do Rio de Janeiro. Pobres e periféricas, as protagonistas Zulma (Karin Hils), Lia (Lilian Valeska), Tilde (Corina Sabbas) e Soraia (Maria Bia) são pobres, sexys, envolvidas direta e indiretamente em atos criminosos (no tráfico e no jogo do bicho) e estão interessadas em um homem rico dispostas a tudo por uma noite de sexo. Diferentemente da minissérie “Antônia”, a minissérie “Sexo e as negas” reduzia a mulher apenas ao seu corpo e sofreu duras críticas de racismo e machismo. O autor da obra, Miguel Falabella, negou as acusações se defendendo de produzir uma releitura da série americana *Sex and the city*.<sup>35</sup>

Trabalhando o conceito de representatividade e consciência da raça, foi, também, criticada pelo seu reducionismo racial.

Trata-se, afinal, da primeira minissérie protagonizada por mulheres negras e pobres. As personagens enfrentaram ao longo dos episódios problemas que não se limitaram à vida dura em Brasilândia, periferia de São Paulo. As jovens viveram os dramas reais de mulheres que têm de enfrentar o preconceito da sociedade, e inclusive de seus companheiros, para viver um sonho. No entanto, não devemos olvidar que mais uma vez trata-se da banal associação de personagens negros à cultura musical, apontando o hip hop, assim como poderia ser o samba ou a dança, como uma saída para que mulheres pobres e negras ascendam socialmente. (FERNANDES, 2007, p.12)

Dando vida a um dos mais consolidados estereótipos de personagens negros, na dramaturgia televisionada, a atriz Cris Vianna interpreta uma empregada doméstica na novela “Duas Caras”, também da Rede Globo, em 2007<sup>36</sup>. Modelo e Rainha de Bateria, a atriz dava ao uniforme de empregada doméstica um apelo sexual extra, carregado do fetiche que é desdobrado durante a trama. A sensual serviçal Sabrina encanta um dos filhos do patrão, Barretinho, interpretado por Dudu Azevedo<sup>37</sup>. A atriz Cris Vianna (2014) conta que já perdeu as contas de quantas empregadas domésticas interpretou e que se não

---

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/sexo-e-as-negas/>>. Acesso em: 16/05/2017.

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/09/o-sexo-e-as-negas-racismo-e-estereotipos/>>. Acesso em: 16/05/2017.

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://filmow.com/duas-caras-t39597/ficha-tecnica/>>. Acesso em: 24/04/2016.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/gente/interna/0,,OI3573578-EI13484,00.html>>. Acesso em: 24/04/2016.

aceitasse fazer uma empregada ou escrava, talvez fosse impossível ter outro personagem<sup>38</sup>.

Um dos únicos papéis que costuma ter de sobra para atrizes negras é o da empregada doméstica. E existem alguns sub-estereótipos clássicos de empregadas domésticas que as novelas costumam usar. Tem a empregada espevitada e irreverente, que vive fazendo graça e arrancando risos da patroa (e do público). Tem a empregada submissa e dedicada, que faz tudo pela patroa. Tem a empregada sensual e ferosa, que vive seduzindo o patrão. E tem também a empregada bisbilhoteira e maliciosa, cheia de mania de grandeza e más intenções. Embora sejam superficialmente diferentes, no entanto, todas estão em posição subalterna. Sua existência gira em torno das personagens brancas a quem elas servem e, sem falha, todas são retratadas de forma inferiorizada – tanto social, como culturalmente<sup>39</sup>

Em “A Favorita”, novela exibida em 2008 pela Rede Globo, a família tradicional brasileira era apresentada com personagens negros, mas desajustada e instável. Era composta pelo pai, Romildo Rosa, um deputado corrupto que lucrava com o tráfico de armas, a filha Alícia, uma “patricinha” sustentada pelo pai, ainda que o acusasse constantemente de ser um político ladrão e o filho Diduzinho, um jovem alcoólatra que não conseguia fazer algo na sua vida<sup>40</sup>, protagonizados por Milton Gonçalves, Taís Araújo e Fabrício Boliveira, respectivamente.

Uma cena racista semelhante à novela “Pátria Minha” (novela de 1995 acusada de ofensas racistas vivida por um personagem negro) foi novamente exibida pela emissora Rede Globo, na novela “Viver a Vida” em 2009<sup>41</sup>. A terceira novela com uma protagonista negra e pioneira dessa vez no horário nobre, foi vivida pela atriz Taís Araújo. Na cena, a última Helena do autor Manoel Carlos, recebe uma tapa de Marta, interpretada por Lilia Cabral, que pede desculpas, ajoelhada<sup>42</sup>. Submissa, distante da realidade social dos negros brasileiros e com cenas menores do que a personagem Luciana, vivida por Alinne Moraes, a Helena interpretada por Taís Araújo é considerada a primeira Helena do autor que não era

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/10dacidade/2014/08/27/preconceito-atriz-cris-vianna-fala-sobre-aceitar-fazer-papeis-de-empregada-e-escrava-para-mostrar-seu-trabalho/?topo=52,1,1%C3%83>>. Acesso em: 27/05/2017.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelas-brasileiras/>>. Acesso em: 27/05/2017.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2008/05/02/ult4244u928.jhtm>>. Acesso em: 29/01/2016.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/viver-a-vida.htm>>. Acesso em: 23/04/2017.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/viver-a-vida/trama-principal.htm>>. Acesso em: 24/04/2016.



a protagonista da novela.

Embora a intenção inicial do autor fosse ter pela primeira vez a Helena negra, isso não deu certo porque a Helena no início foi antipática porque era elitista, era esnobe e depois foi antipática porque era submissa. Então o sofrimento da Helena, no meu ponto de vista, na minha sensibilidade, foi rejeitado porque era um sofrimento de submissão. É diferente do sofrimento do personagem da Aline Moraes, que era um sofrimento de reerguimento, de superação. Enquanto Aline sofria para superar, a Helena sofria de submissão. Então ser boazinha neste caso pegou mal. Do mesmo jeito que pegou mal ser muito de elite. Muito acima do bem e do mal. Foi dessa forma que eu analisei a novela até onde eu vi. (ARAÚJO, 2010)

A primeira Helena negra fez parte de um pequeno grupo de personagens negros com uma profissão de alta remuneração e visibilidade. Agradando o público no início, mas com padrão de vida distante da realidade, a “riqueza e soberba” da negra gerou rejeição. Além disso, o grande destaque da Helena do Manoel Carlos é o marcante traço de sofrimento e batalha, o que não foi vivido pela Helena de Taís Araújo. Em “Viver a Vida”, a Helena também perde a oportunidade de levantar a bandeira da cultura negra e promover discussão a racial e de gênero, por isso, ainda sofreu duras críticas por interpretar “uma personagem com comportamento de uma branca”.

Quando não sexualizadas e marginalizadas, a representação negra feminina também é símbolo do exagero e escárnio, em um exemplo representada pela atriz Priscila Marinho, com a personagem Chocotona, na novela “Aquele Beijo”, exibida pela Rede Globo em 2011<sup>43</sup>. Utilizada no mesmo símbolo, a atriz Olivia Araújo interpretou a personagem Soraya em 2015 na novela “I Love Paraisópolis” na Rede Globo<sup>44</sup>. A personagem se intitula como “governosa” em uma mistura das palavras governanta com gostosa. Além de Soraya, ela também está no elenco da novela “Chiquititas”, exibida pelo SBT, como a empregada Shirley. A aparição simultânea em dois canais abertos, também rendeu críticas, uma vez que a mesma atriz estava escalada para viver duas empregadas domésticas em novelas diferentes<sup>45</sup>. Não coincidentemente, ambas as novelas eram exibidas entre 18h e 19h, teledramaturgias que têm, por característica, menos compromisso com a

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/a-representacao-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-do-estereotipo-a-sexualizacao/>>. Acesso em: 29/01/2016.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://filmow.com/i-love-paraisopolis-t95737/ficha-tecnica/>>. Acesso em 24/04/2016.

<sup>45</sup> Disponível em: <<http://www.diariodesuzano.com.br/blog/2015/07/30/olivia-araujo-se-destaca-como-empregada-espacosa-na-novela-i-love-paraisopolis/>>. Acesso em: 24/04/2016.

responsabilidade do país.

Outra questão a ponderar deve-se ao fato de que essas telenovelas enumeradas acima com poucos negros em suas narrativas são exibidas principalmente no horário das 18h e 19h, quando as tramas têm por sua natureza um caráter mais romântico, leve, bem-humorado, sem muita preocupação com a exposição da realidade fidedigna do país, como ocorre com as telenovelas das 21h. Percebemos que as produções nos dois horários mencionados levam para o cotidiano da audiência um Brasil mais fenotipicamente claro, negando a grande participação da negritude como sujeito na sociedade. Ressaltamos ainda que essas telenovelas foram exibidas, principalmente, na primeira metade da década, quando o discurso de inclusão das classes subalternas - assim como os negros - nas produções televisivas ainda não era tão forte como foi mais evidente nos últimos anos. (GRIJÓ, 2012, p.192)

Após analisarmos os cenários delimitados para homens e mulheres negras na televisão brasileira ao longo da história é possível afirmar que foi mantido o padrão em 2016. Isto é, os mesmos locais de fala representativos se mantiveram constantes, ainda que tenha existido pequenas pausas para exceções às regras que, dentre elas, não tiveram grande destaque ou acertaram, novamente, em outros estereótipos sejam elas historicamente ou no ano delimitado. Isso torna o processo ainda complicado, mesmo que denote traços de melhorias.

#### **4. AS MULHERES NEGRAS DE 2016**

Após o breve debate histórico realizado, o presente capítulo se debruça a analisar as produções audiovisuais brasileiras atuais na tentativa de compreender como essa representação da mulher negra tem se dado. Para isso, como dito, foram selecionadas obras de audiovisual nacional do ano de 2016. Quando nos dirigimos às novelas e séries produzidas no Brasil neste ano e olhamos para as produções com destaques para personagens negras, nos encontramos com os mesmos espaços preenchidos pelas mulheres negras cunhadas por Freyre em *Casa-Grande & Senzala* (1993): a escrava com sua força infinita, a doméstica disposta a servir o branco e esperando ser resgatada e salva por ele, a mãe preta que o amamentou e a mulata responsável pela sua tentação e por provir a primeira sensação de um homem.

##### **4.1 A força da mulher negra**

Para essa análise, então, listamos as nove personagens negras destacadas na teledramaturgia e séries do país e as agrupamos em similares grupos que pudessem exemplificar esses espaços. As produções foram escolhidas pelos destaques dados às essas personagens e divididas nos estereótipos cunhados pelo autor Freyre e, em seguida, organizadas por importância e visibilidade dado ao programa.

Primeiramente, observamos, então, personagens representadas por sua força inesgotável. As personagens Joana (Vaneza Oliveira) na série “3%”, Carola (Ana Flavia Cavalcanti) na novela “Além do Tempo”, Maria Tereza (Camila Pitanga) na novela “Velho Chico” e Joana (Aline Dias) na série “Malhação” foram selecionadas para representar o estereótipo da mulher negra que é capaz de suportar tudo e que traz na pele a força da raça.

A primeira produção a ser analisada foi escolhida brasileira da Netflix, a série “3%” é dirigida por Cesar Charlone e estrelada por João Miguel e Bianca Comparato. Num mundo pós-apocalíptico e em um lugar não especificado do Brasil, a maior parte da população sobrevivente mora no Continente, um lugar miserável<sup>46</sup>. A trama conta que, aos 20 anos de idade, todo cidadão tem direito de participar do Processo, uma seleção que oferece a única chance de passar para o Mar Alto e se livrar da vida de miséria. Somente

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/tv/conheca-personagens-de-3-primeira-serie-brasileira-da-netflix-3qykcptq19uorfthof2a21pw>>. Acesso em: 13/05/2017.

3% dos candidatos são aprovados no Processo, que testa os limites dos participantes em provas físicas e psicológicas e dilemas morais.

A série também foi pauta nas redes sociais antes de sua estreia devido ao texto da Agência +Add Casting, contratada pela produtora Boutique Filmes, responsável pela série, com mensagem de cunho racista que circulou semanas antes. “Precisamos de um ator jovem, na faixa dos 20/25 anos, muito bonito. A direção gostaria que ele fosse negro, então o ideal seria ter um ator negro e muito bonito, mas conscientes do grau de dificuldade, faremos teste também com os bons atores, lindos, que não sejam negros.”, dizia o texto<sup>47</sup>.

A repercussão negativa nas redes sociais foi expressiva e revoltou internautas e profissionais da área, exigindo uma resposta da agência, que alegou ter sido mal interpretada e ter usado palavras que não expressassem a real intenção da procura. O argumento utilizado foi de que apenas 0,04% de seu *casting* seria composto por pessoas que se declaram negras e que, por isso, citou o “grau de dificuldade”. Já a Netflix emitiu em nota o seu repúdio diante desse posicionamento e que estaria tomando todas as medidas cabíveis<sup>48</sup>. A Boutique Filmes, produtora responsável, por sua vez, informou estar chocada com o e-mail da agência, reiterando ser terceirizada e que esse texto nunca teria sido aprovado por eles<sup>49</sup>.

Se, nesse caso em específico, a atitude possa ter sido originada de uma infeliz combinação de palavras, na vida real, essa infeliz combinação de atitudes racistas acontecem e podem ser observadas com frequência no mundo da moda, na televisão e no cinema:

Quando finalmente pude perguntar ao agente que levava as meninas para a sala de entrevistas o porquê deles não me chamarem, ele me pediu para aguardar. Até que, então, quando já não havia mais nenhuma outra menina na sala, um dos agentes sentou-se ao meu lado e começou a conversar comigo. Ele me disse: “Você é muito bonita, mas tem um problema: é negra.” Em seguida, me explicou que, apesar de ter um perfil físico adequado ao exigido — era tão magra (ou quase) quanto as outras modelos que vi —, a cor da minha pele era o maior impeditivo

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/agencia-diz-ser-dificil-encontrar-ator-negro-bonito-e-e-repudiada-pelo-netflix.html>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/tv/selecao-de-atores-para-serie-da-netflix-causa-polemica-evqfwe6z01zht8geisb6jtp6d>>. Acesso em 16/05/2017.

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/netflix-repudia-agencia-add-casting-que-diz-ser-dificil-encontrar-ator-negro-bonito/#gs.UfABl4M>>. Acesso em 16/05/2017.

para que eu pudesse ser agenciada e ter sucesso como modelo. Para justificar sua afirmação, ele pegou uma espessa revista de moda ao seu alcance. Folheou comigo do início ao fim e me pediu que contasse o número de mulheres negras que apareciam nas páginas. Entre as inúmeras matérias e anúncios publicitários de moda e beleza, só uma ou duas que mostravam modelos não caucasianas. E foi esta proporção que ele usou para também justificar o porquê, num apanhado de umas 300 modelos, de a agência somente ter em seu quadro de trabalho duas negras.<sup>50</sup>

Em 3%, a personagem Joana (Vaneza Oliveira) foi criada nas ruas do Continente e sempre sobreviveu por conta própria. Inteligente, interage pouco com os outros candidatos e não demonstra interesse no Processo. Está lá mais para fugir do que para passar para o Mar Alto. Solitária, faz aliança com Rafael (Rodolfo Valente) para ficar no processo<sup>51</sup>. Interessada em se classificar, enxerga em Rafael alguém que sabe jogar, mas com oportunidades diferentes. Ela é a única personagem que não tem esperança de viver em um mundo melhor, mas sim, pelo instinto de sobrevivência (CHARLONE, 2016).



**Figura 1-** Personagem Joana na série “3%” (Vaneza Oliveira)

Fonte: <https://omelete.uol.com.br/series-tv/lista/3-conheca-os-protagonistas-da-primeira-serie-brasileira-da-netflix/>

Por sua vez, a produção “Além do tempo” foi uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo exibida entre 2015 e 2016 e escrita por Elizabeth Jhin<sup>52</sup>. Carola (Ana Flávia Cavalcanti) mora em Belarrosa e ajudando nos negócios da empresa, agora ajudando Emília e Vitória. Numa outra vida, após ser demitida no casarão dos Castellini,

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/ouvi-um-agente-de-modelos-dizer-que-eu-era-bonita-mas-tinha-um-problema-era-negra/#gs.I5K9F1Y>>. Acesso em: 20/05/2017.

<sup>51</sup> Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2016/11/25/internas\\_viver.676854/primeira-serie-brasileira-da-netflix-3-e-a-lenda-da-meritocracia-em.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2016/11/25/internas_viver.676854/primeira-serie-brasileira-da-netflix-3-e-a-lenda-da-meritocracia-em.shtml)>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-tempo/>>. Acesso em: 13/05/2017.

Carola se mudou para Porto Alegre. Arrumou um emprego em um colégio e, após muitos anos de dedicação e estudo, conseguiu conquistar seu grande sonho: ser professora<sup>53</sup>. Irmã de Rita (Daniela Fontan), que é também uma atriz negra, as duas ficaram sozinhas no mundo depois que seus pais morreram. Para tentar garantir o futuro da irmã caçula, Carola decide levá-la para o convento <sup>54</sup>.



**Figura 2** - Personagem Carola na novela “Além do Tempo” (Ana Flávia Cavalcanti)

Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-tempo/vem-por-ai/noticia/2015/11/carola-assume-paixao-por-pedro.html>

A multiplicidade dos papéis da mulher negra envolve não só a sua força inesgotável, mas também a sua aptidão para cuidadora e mulher que cuida da família. Aqui ela difere da mulher branca que é responsável por gerir a residência, enquanto a mulher negra cuida da casa e da família de uma forma que a gestão desse lar não é exercida por ela. Para ela, essa é a etapa de um lar e de uma família que a restou, muitas vezes, em detrimento do cuidado da própria família dela:

A escravatura tirou aos negros a sua condição básica de ser humano, tornando-os objetos de um sistema maior, o sistema económico colonial. Todavia, a mulher negra desempenhou uma multiplicidade de papéis durante todo o período da escravatura, muitos deles contraditórios. A própria reprodução das mulheres negras era tida como antieconómica, uma atitude passível de punição. A gravidez não era lucrativa, reduzindo a capacidade de trabalho das negras. O desinteresse dos senhores face às condições de gravidez e parto das negras escravas, conduziu a um elevado número de abortos e infanticídio. No entanto, elas foram

---

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-tempo/personagem/carola/>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2015/07/alem-do-tempo-orphas-rita-e-carola-se-viram-como-podem.html>>. Acesso em: 13/05/2017.

transformadas em amas-de-leite – as famosas mães pretas – sendo inclusivamente alugadas ou vendidas como tal a outras famílias. As crianças negras eram retiradas das mães, entregues a instituições de caridade ou lançadas à morte e à sobrevivência nas ruas. Esta transformação de escrava de labor em escrava doméstica com funções de ama-de-leite e mãe-preta, negaram-lhe a própria maternidade, passando a constar como peça importante no agregado familiar branco.<sup>55</sup>

Produzida pela Rede Globo, “Velho Chico” foi criada por Benedito Ruy Barbosa e Edmara Barbosa, é escrita por Ruy Barbosa e Bruno Luperi<sup>56</sup>. Protagonista na segunda fase, Maria Tereza (Camila Pitanga) é guerreira, irrequieta e passou a infância brincando com as crianças da fazenda à contragosto de Encarnação (Selma Egrei), que não queria a neta envolvida com os empregados<sup>57</sup>. Sua força e polidez na pele de Maria Tereza, uma mulher que viajou o mundo e luta contra amores mal resolvidos do passado foi incorporado ao seu figurino, responsável por trazer o vigor e a vida de uma personagem que “carregava o mundo nas costas”<sup>58</sup>. “Desde criança, Maria Tereza traz uma mistura de elementos masculinos e femininos que expressam sua forte comunhão e unidade com a natureza. Mesmo tendo se afastado desse universo, viajando o mundo todo, em contato com as mais diversas culturas, sua essência elementar é mantida”, explica Thanara.



**Figura 3** -Personagem Maria Tereza na novela “Velho Chico” (Camila Pitanga)

Fonte:<http://caras.uol.com.br/cabelos/saiba-tudo-sobre-o-novo-cabelo-de-camila-pitanga-em-velho-chico>

---

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://apcab.wordpress.com/2009/05/21/a-mulher-afro-brasileira-escrava-e-ama-de-leite/>>. Acesso em: 27/05/2017.

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/velho-chico/>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://especiaiss3.gshow.globo.com/novelas/velho-chico/segunda-fase/>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>58</sup> Disponível em: <<http://glamurama.uol.com.br/no-aniversario-de-camila-pitanga-glamurama-desvenda-o-figurino-da-atriz-em-velho-chico/>>. Acesso em: 13/05/2017.

Voltada para o público adolescente, a série de televisão brasileira “Malhação”, produzida e exibida pela Globo desde 24 de abril de 1995, foi criada por Andréa Maltarolli e Emanuel Jacobina e tem, até o presente momento, 24 temporadas. Em 21 anos de programa, pela primeira vez uma atriz negra ocupa papel central no dia 22 de Agosto de 2016<sup>59</sup>, faxineira e nordestina, a personagem Joana é interpretada por Aline Dias. Na primeira cena em que aborda o tema racial, a moça foi indicada pelo chefe, por “saber falar bem com as pessoas”<sup>60</sup>. Embora negra, sua família – constituída pela avó e padrasto – são brancos.

A personagem também foi pauta nas redes sociais por causa de comentários de internautas que não a consideravam negra. Sua pele embora negra, era clara, com traços finos, cabelo liso e comportamento “dócil”, despertaram comentários do tipo “Ela nem é tão negra”, argumento mascarado de racismo que separa os negros em “mais e menos negros” e, logicamente, os organiza em “melhores e piores” dependendo do quão perto de um fenótipo branco, esse negro está.

O primeiro que essa observação revela é uma visão completamente essencializada de ser negra, estereotipada mesmo que confina o ser negra a um estereótipo e a uma única maneira de ser para esse corpo negro, o segundo que revela é que na visão dessa pessoa ser negro é algo tão terrível, que só precisa assumir se for inevitável mesmo<sup>61</sup>.

Embora a auto-declaração racial seja um tema sensível e que perpassasse justamente questões de nível público como vemos em cotas para concursos e universidades, é sabido que somos oriundos de um plurismo racial sem que esse fato exclua lutas e vivências raciais distintas.

O enredo da personagem, entretanto, gerou críticas antes da estreia. A personagem cearense de 19 anos que, após uma briga familiar, sai da casa que morava com o padrasto e a avó e se muda para o Rio de Janeiro, não conheceu o pai biológico, por quem passa a procurar. Após conseguir um emprego como faxineira de uma academia, a trama foi

---

<sup>59</sup> Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2016/>. Acesso em: 13/05/2017

<sup>60</sup> Disponível em: <https://blogdoarcanjo.blogosfera.uol.com.br/2016/08/22/critica-protagonista-negra-de-malhacao-comeca-humilhada-por-loira-racista/>. Acesso em: 13/05/2017

<sup>61</sup> Disponível em: <http://www.geledes.org.br/10-frases-racistas-que-mulheres-negras-escutam-ou-denunciando-o-racismo-e-sendo-acusada-de-mimimi/>. Acesso em: 20/05/2017



criticada devido aos detalhes: "Faxineira que se apaixona pelo dono da casa, lindo, branco e marrento! Por que esse estereótipo preto e pobre não acaba?"<sup>62</sup>, questionou um internauta, embora a emissora nunca tenha se manifestado sobre a repercussão. O diretor Leonardo Nogueira afirmou em entrevista ao jornal "O Globo" que a atriz Aline Dias não foi escalada apenas e especificamente por ser negra: "Ela não foi escolhida por isso. E, sim, por ter a ver com a personagem. Não poderia ser uma atriz que passa fragilidade, sabe? A Joana tem uma força muito grande"<sup>63</sup>.



**Figura 4** - Personagem Joana na série "Malhação" (Aline Dias)

Fonte: <http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/aline-dias-apresenta-protagonista-joana-e-convida-para-estreia-de-malhacao-assista.html>

## 4.2 A negra marginalizada

Cunhadas seja por serem personagens negras bonitas, isto é, o estereótipo da pele negra mais clara com suaves tons em vermelho, o cabelo cacheado – e não crespo – volumoso, traços faciais finos, mais próximos de um fenótipo branco, e curvas corporais acentuadas pelo figurino ou por serem *mommy*, de pele escura, traços faciais grossos e comportamento dócil, é fácil detectar a escrava mulata e a ama-de-leite.

Presente nesse trabalho como a única teledramaturgia que não foi exibida pela Rede Globo, "Escrava Mãe" foi uma telenovela brasileira produzida e exibida pela RecordTV

---

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://www.uai.com.br/app/noticia/series-e-tv/2016/08/04/noticias-series-e-tv,182764/primeira-protagonista-negra-de-malhacao-sera-faxineira-e-nordestina.shtml>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://www.uai.com.br/app/noticia/series-e-tv/2016/08/04/noticias-series-e-tv,182764/primeira-protagonista-negra-de-malhacao-sera-faxineira-e-nordestina.shtml>>. Acesso em: 13/05/2017.

entre 2016 e 2017, escrita por Gustavo Reiz e dirigida por Ivan Zettel<sup>64</sup>. A história se inicia em 1788 no Congo, na África, quando uma tribo de Khoisans é invadida por homens brancos, que aprisionam os nativos e os levam para o Brasil em um navio negreiro, onde serão vendidos como escravos. Durante o trajeto, a escrava Luena (Nayara Justino), dá luz a Juliana (Gabriela Moreyra).



**Figura 5** -Personagem Juliana na novela “Escrava Mãe” (Gabriela Moreyra)

Fonte:<http://www.estrelando.com.br/nota/2017/01/07/acompanhe-as-emocoes-de-escrava-mae-205133>

Juliana vai parar no Engenho do Sol, na Vila de São Salvador, onde se torna mucama da família Avelar, sendo protegida por eles, gerando ódio de outras escravas que não recebem os mesmos privilégios. A trama dá destaque às características físicas da atriz que é retratada com forte apelo sexual e com atenção para sua força e resistência de forma característica. É sintomático como as mesmas mulheres negras que, algumas vezes, são feias e indesejáveis ganham um apelo extra sexual no que cerne seus corpos, suas curvas e suas cores.

O que me causa estranheza, é o fato de que mulheres negras antes tidas como antimusas, ganham notoriedade no carnaval e passam a ser musas, e tem sua sexualidade exacerbada pela mídia.

A TV brasileira, de fato, tem se especializado em arremessar a mulher negra nos mais improváveis valões sociais existentes, e concomitantemente reforça sua hipersexualização na figura da mulata rebotativa dos eventos carnavalescos.

Quem não se lembra do “Pi pi pi pi pi, olha o recalque!”, de Maria Vanúbia, interpretada por Roberta Rodrigues, na novela Salve Jorge, ano passado? A mulata

---

<sup>64</sup> Disponível em:< <http://www.recordtvrio.com.br/category/escrava-mae/>>. Acesso em: 13/05/2017.

faceira que tomava banho de sol na laje e fazia a alegria da vizinhança?<sup>65</sup>

A vida da personagem muda com a chegada de Miguel (Pedro Carvalho), um homem branco português que vive um amor proibido com ela<sup>66</sup>. Dessa forma, é possível enxergarmos como, assim como uma mulher precisa de um homem que a salve e a resgate desde os contos de fadas, uma mulher negra precisa de um homem branco para a sua salvação e sucesso. Esse homem, tanto para mulheres brancas e negras, é branco. Sendo loiro e de olhos azuis e o mais próximo das princesas da *Disney*, mais apropriado:

É curioso perceber como apesar de, na maioria dos filmes e histórias de Princesas, o Príncipe geralmente ser um papel secundário, o fato dele ser *sempre* branco — ou de pele clara — faz com que o público deposite nele todo tipo de virtudes gratuitamente. Como apesar da participação e construção do personagem “Príncipe” ser frequentemente superficial, o tom de sua pele o impregna de atributos positivos raramente ilustrados durante a narrativa. Em sua maioria eles costumam ser apenas herdeiros de algum reino distante e desconhecido, dentro de algum contexto histórico-social onde as mulheres eram meros objetos a serem protegidos, mas ainda assim o público consegue projetar neles uma postura compreensiva, altruísta e até antimachista. Impressiona que, em contos de fadas, monarcas brancos sejam considerados justos não somente por seus camponeses como também pelos espectadores contemporâneos.<sup>67</sup>

Já a telenovela “Haja Coração” foi escrita por Daniel Ortiz e livremente inspirada na telenovela *Sassaricando* de Sílvio de Abreu<sup>68</sup> e exibida pela Rede Globo. Mãe adotiva do protagonista Apolo (Malvino Salvador), Nair (Ana Carbatti) é a única negra da família e adota Adônis (José Loreto) e Larissa (Marcella Valente), todos filhos brancos<sup>69</sup>. Os órfãos Apolo, Adônis e Larissa são irmãos biológicos e resgatados por ela ainda crianças. Adônis, é o único personagem da família pobre que faz faculdade. Além de racista e ingrato, o filho sente vergonha da mãe e, culmina, no penúltimo capítulo em que Nair descobre que o

---

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://escrevivencia.wordpress.com/2013/11/22/a-representacao-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-do-estereotipo-a-sexualizacao/>>. Acesso em: 20/05/2017.

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/escrava-mae/fichas/conheca-os-personagens-de-escrava-mae-24062016#!/fichas/16>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>67</sup> Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-decepcionante-descoberta-sobre-o-principe-encantado-que-era-negro/#gs.gN6NIWY>>. Acesso em: 20/05/2017.

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/haja-coracao/>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/conheca-os-personagens-de-haja-coracao-novela-das-19h-19370331/>>. Acesso em: 13/05/2017.

rapaz não usou o seu dinheiro para pagar a faculdade e gastou tudo<sup>70</sup>. A *mommy* Nair personificava a ama-de-leite no papel da empregada doméstica. É fácil localizar mulheres negras mais velhas com a suposta aptidão para a cozinha, para o lar e para a criação dos filhos. Não ignorando o fato desse objeto em questão, ser mãe apenas de filhos brancos adotivos.

Você passa um cafezinho pra gente? Essa é clássica, sempre se espera que as mulheres negras ocupem esse lugar, da trabalhadora doméstica, da servente, mesmo quando essas não são suas ocupações formais. Não há um problema nesses postos de trabalho, o problema é o pensamento racista que impede as pessoas de perceberem que existem outros lugares a serem ocupados pelas mulheres negras<sup>71</sup>.



**Figura 6** - Personagem Nair na novela “Haja Coração” (Ana Carbatti)

Fonte: <http://gente.ig.com.br/tvenovela/2016-05-31/nova-tancinha-saiba-quem-e-quem-em-haja-coracao-releitura-de-sassaricando.html>

Não apenas, a série “Justiça” foi exibida e produzida pela Rede Globo em 2016 e escrita por Manuela Dias, com colaboração de Mariana Mesquita, Lucas Paraizo e Roberto Vitorino<sup>72</sup>. Filha da empregada Zelita (Teca Pereira), a personagem Rose (Jéssica Ellen), é muito bonita, orgulhosa de sua raça e foi criada na casa de Lucy (Fernanda Vianna) e Débora (Luisa Arraes), personagens brancas, com todo apoio da família.

---

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://blogdoeucriticotucriticas.blogspot.com.br/2016/11/exagerada-haja-coracao-consegiu-rir-e.html>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>71</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/10-frases-racistas-que-mulheres-negras-escutam-ou-denunciando-o-racismo-e-sendo-acusada-de-mimimi/#gs.JeIby2Q>>. Acesso em: 20/05/2017.

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/justica/>>. Acesso em: 13/05/2017.



**Figura 7** - Personagem Rose na série “Justiça” (Jéssica Ellen)

Fonte: <http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/06/jessica-ellen-vivera-ex-prisoneira-e-sera-uma-das-protagonistas-de-justica.html>

Dedicada, passou no vestibular para jornalismo e tinha um futuro de superação pela frente. Porém, em um luau na praia, está dançando e se drogando com Débora, quando a polícia chega. Sendo uma das únicas negras na festa de brancos, é revistada por Douglas (Enrique Diaz), que encontra os comprimidos de êxtase. Sem ajuda de Débora, que é liberada, é presa como traficante e passa sete anos na cadeia<sup>73</sup>. O que podemos, inclusive, de pontuar como um retrato próximo da realidade em que mesmo a violência e a proteção policial não conseguem atingir brancos e negros, e em seguida, brancas e negras da mesma forma:

O Mapa da Violência mostra que enquanto o homicídio de mulheres negras experimentou um crescimento de 54,2% entre 2003 e 2013, no mesmo período, o homicídio de mulheres brancas caiu 9,8%. Não bastasse a violência contra si, a mulher negra também experimenta com maior intensidade a violência contra seus filhos, irmãos e companheiros. De acordo com o Mapa da Violência de 2012, dos cerca de 30 mil jovens entre 15 e 29 anos assassinados por ano no Brasil, 93% são homens e 77% são negros.<sup>74</sup>

Embora a proposta da série tenha ido ir direto ao ponto sobre o debate de democracia racial e uma sociedade racista, outra análise que podemos nos debruçar aqui é

---

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/08/conheca-os-personagens-da-miniserie-justica.html>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-racismo-nosso-de-cada-dia-e-situacao-da-mulher-negra-brasileira/#gs.tiamS44>>. Acesso em: 20/05/2017.

justamente do único núcleo negro da minissérie fazer parte do núcleo de domésticos na casa dos brancos, mais precisamente como faxineira e sua filha a personagem atingida pela polícia. Como bem a autora Stephanie Ribeiro (2014) ilustra:

Não existe nenhum problema com essas profissões, que são digníssimas. O problema é que ainda continuamos participando da programação da televisão com papéis que reforçam o preconceito. Se o Brasil é o país com maior número de negros fora do continente africano, a mídia nacional deveria trazer a nossa presença de maneira diversificada, em diferentes situações e vivências, não só nos papéis que parecem indicar qual é a nossa única função para a sociedade. [...]

Ou seja, idealizam para os negros três vivências: uma é a do sofrimento, outra é a da alegria carnavalesca e a mais marcante é a do servo. Raramente uma realidade que pode envolver fatores plurais e inúmeras outras questões em um mesmo contexto, afinal assim é a vida. Parece óbvio o que vou dizer, mas nós, os negros, também somos pessoas.

A representatividade feita dessa forma “torta” não é uma soma, ela fortalece o preconceito e as suas bases. Além de contribuir para que a sociedade continue acreditando no mito da democracia racial e a do negro como temática, que vai desde trabalhos de Iniciação Científica até a nova produção Global, mas que não corresponde à realidade justa.<sup>75</sup>

Ademais, a história de amor de Alice (Giovanna Antonelli) e Mário (Bruno Gagliasso) e de suas famílias imigrantes e foi ao ar pela Rede Globo, escrita por Walter Negrão<sup>76</sup> na novela “Sol Nascente”. Com um núcleo de mulheres negras vividas por Cinara Leal, Juliana Alves e Érika Januza como Vanda, Dora e Julia, respectivamente como caixas<sup>77</sup>, eram as únicas do elenco que nomeadas dessa forma e que a trama sugeria que fizessem a ponte da miscigenação entre brancos e índios, embora fossem negras. Na trama, a personagem da irmã mais nova de Vanda, Julia, uma mulher negra, teve um romance no passado com o cunhado, Nuno (Pablo Morais), ator branco. Quando ele chega a Arraial, vindo do Sul, Júlia se apaixona novamente, protagonizando o único triângulo amoroso polêmico da trama<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> Disponível em: <[http://confeitariamag.com/stephanie\\_mendonca/as-faces-da-representatividade/](http://confeitariamag.com/stephanie_mendonca/as-faces-da-representatividade/)>. Acesso em: 20/05/2017.

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sol-nascente/>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/caicara/>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/06/elenco-de-sol-nascente-veja-os-atores-da-nova-novela-das-6.html>>. Acesso em: 13/05/2017.



**Figura 8** - Da esquerda para a direita, personagens Dora, Julia e Vanda na novela “Sol Nascente” (Juliana Alves, Érika Januza e Cinara Leal)

Fonte: <http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/09/juliana-alves-comenta-medos-que-precisou-vencer-para-viver-dora-estou-realmente-me-superando.html>

São as mulheres negras que, na lógica da teledramaturgia e no imaginário popular, são rebaixadas não só nos postos de trabalho e suas oportunidades, mas também nas relações matrimoniais, vistas como a “mulher com um corpo” e preteridas diante da construção de uma relação afetiva matrimonial. São mulheres imorais disponíveis para satisfazer e dispostas a atrapalhar a construção de uma família:

Desfigurar suas características físicas, bem como debochá-las é uma forma encontrada de não assegurar um poder de decisão sobre si. Pois uma mulher negra “não serve para casar”, está fadada a servir como *step* sexual de homens incontrolados instintiva e sexualmente, e por isso tem que aceitar o que Deus lhe reservou, ou seja, qualquer um bem intencionado, ainda que não seja do seu agrado. O que vem a justificar os estupros, pois mulher negra (e feia) não tem escolha, tem sorte.<sup>79</sup>

#### 4.3 A exceção otimista da regra

Nesse debate, é importante ressaltar também a série de televisão brasileira “Mister Brau”, produzida e exibida pela Rede Globo entre 2015 e 2016. O roteiro escrito por Jorge Furtado e dirigido por Maurício Farias foi exibido semanalmente com episódios especiais

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://escrevivencia.wordpress.com/2013/11/22/a-representacao-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-do-estereotipo-a-sexualizacao/>>. Acesso em: 20/05/2017.

temáticos<sup>80</sup>. A história em torno de um cantor popular, o Mr. Brau (Lázaro Ramos) e casado com Michele Brau (Taís Araújo) é bastante feliz por causa presença de dois atores negros no horário nobre da principal emissora do país em papéis que não são de empregados nem bandidos e constituindo uma família<sup>81</sup>. O que muda e amplia a perspectiva, de uma forma otimista, em torno da visibilidade da maior parte da população brasileira que se declaram pretos ou pardos.



**Figura 9** - Personagem Michele na série “Mister Brau” (Taís Araújo)

Fonte: <http://blog.dalcosta.com.br/de-olho-no-inverno-acessorios-para-que-te-que-ro/mister-brau-michele-20151124-e/>

A personagem Michele era também empresária e coreógrafa do seu marido, também celebridade, e foi construída baseada no ditado “atrás de um grande homem tem uma grande mulher”. Os dois, bem-sucedidos e felizes, traziam o histórico da pobreza vivida no passado de uma forma que o recorte racial e social não fosse explícito, mas incorporado de forma sutil na trama. De origem humilde, trabalharam muito para enriquecer. A personagem também trazia o feminismo negro em Mister Brau no mesmo tom. Uma de suas cenas mais icônica para o tema contava com Michele palestrando para um grupo de estudantes dando início ao debate do feminismo negro.

Das histórias que contam para a gente, as pessoas estão divididas em dois tipos:

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/mister-brau/>>. Acesso em: 13/05/2017.

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://diversao.terra.com.br/tv/blog-sala-de-tv/sucesso-de-mister-brau-consolidacao-empoderamento-negro-no-horario-nobre-da-globo,6dc04eb133b63d9fa28d2f0dea057a64sxwrxkav.html>>. Acesso em: 13/05/2017.



homens e mulheres. E esses dois tipos estão divididos em duas cores: brancos e negros. Só que geralmente, as nossas histórias são contadas por homens brancos. Então, ser mulher e negra é lembrar o tempo todo que cada pessoa tem seu próprio desejo, tem sua própria cor. Cada uma de nós aqui precisa lutar para que a gente conte as nossas histórias. (ARAÚJO, 2016)

Michele como um dos ícones da exceção à regra na representação histórica do negro na telenovela no Brasil, tanto em destaque na trama, quanto na representatividade do seu personagem ainda trazia à tona e fazia pensar sobre questões importantes para o público feminino negro. A atenção e empoderamento que a sua personagem trouxe agradou não só a audiência (a série foi estendida além do tempo previsto), mas também alcançou as redes sociais e grupos da temática trazendo pautas importantes para o feminismo negro. O termo advém do movimento que visa entender a minoria da mulher negra dentro do feminismo:

O Feminismo Negro é um movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. No Brasil, seu início se deu no final da década de 1970, a partir de uma forte demanda das mulheres negras feministas: o Movimento Negro tinha sua face sexista, as relações de gênero funcionavam como fortes repressoras da autonomia feminina e impediam que as ativistas negras ocupassem posições de igualdade junto aos homens negros; por outro lado, o Movimento Feminista tinha sua face racista, preterindo as discussões de recorte racial e privilegiando as pautas que contemplavam somente as mulheres brancas.

O problema da mulher negra se encontrava na falta de representação pelos movimentos sociais hegemônicos. Enquanto as mulheres brancas buscavam equiparar direitos civis com os homens brancos, mulheres negras carregavam nas costas o peso da escravatura, ainda relegadas à posição de subordinadas; porém, essa subordinação não se limitava à figura masculina, pois a mulher negra também estava em posição servil perante à mulher branca.<sup>82</sup>

Patrícia Gonçalves (2017) é Feminista Interseccional Negra, colunista do “Justificando” e do “Nó de oito” e ilustra como as lutas de uma mulher branca difere de uma mulher negra, principalmente, quando estamos tratando de situação econômica e afetividade.

Durante todo esse tempo, aquela jovem não combateu só o racismo, mas também o machismo. Ali, na década de 90, foi quando enxergou o movimento feminista. Ela só não compreendia porque a pauta nunca chegava ao seguinte destino: as mulheres negras.

“O feminismo branco não servia. Enquanto minhas amigas brancas falavam ‘não vou casar’, eu nunca tinha tido um namorado aos 16 anos.”

Ser preterida é um cenário vivido pela maioria das negras. Foi assim com Berth também. “Eu me apaixonei e fiquei com um rapaz negro. Quando eu estava apaixonada por ele, me trocou pela mocinha branca. E isso se repetiu, desde os 14

---

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/#gs.3W23wTo>>. Acesso em: 27/05/2017.

anos que eu sei que os homens preferem as brancas. O feminismo branco nunca falou disso”<sup>83</sup>.

A atriz Taís Araújo também é conhecida pelo seu posicionamento feminista negra na vida real. Fazendo parte de um dos casais com maior destaque dentro do *show business* com o seu marido Lázaro Ramos e negra, ela declara: “As mulheres brancas não percebem o que acontece com a gente, e não é maldade. Existe a questão do privilégio branco, mas também uma isenção em pensar nas nossas causas”. Situação que exemplifica que o feminismo negro enquanto olha para as lutas da mulher negra, difere do feminismo que trata todas as mulheres como iguais.

---

<sup>83</sup> Disponível em: <[http://www.geledes.org.br/eu-mulher-negra-nao-posso-frequentar-certos-espacos/#gs.Ak\\_c24I](http://www.geledes.org.br/eu-mulher-negra-nao-posso-frequentar-certos-espacos/#gs.Ak_c24I)>. Acesso em: 20/05/2017.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia visou promover a reflexão acerca da maneira violenta como o racismo institucional atingiu a mulher negra de forma que a segregação e estereotipação do sexismo e machismo estrutural tornaram o seu espaço delimitado na sociedade. Dessa forma, consideramos o discurso midiático como parte desse contexto social e como instrumento que ainda reproduz valores em que a pobreza, a exotificação e força de uma mulher negra permanecem mantidos como traços do preconceito e racismo naturalizados na realidade brasileira - algo também reforçado, ou não contestado, nas personagens de televisão. Pudemos constatar, justamente, o contrário, a teledramaturgia está reproduzindo esses valores e limitando na forma em que essas mulheres são representadas, com raras exceções para olhares mais otimistas ou que proporcionaram a quebra neste padrão.

A mídia e a arte, nesse assunto, demonstraram que aos poucos vêm se preocupando em questionar e reverter a situação da representação dessas mulheres, uma vez que, nesse momento, um aumento no número de atores e atrizes negras vem sendo conquistado. Contudo, ainda trata-se de um longo desafio, pois, assim como a vida real, a retratação e o reforço da imagem do padrão branco, como a referência de sucesso e beleza, segue sendo repetido pelo *mass media*. Por outro lado, o corpo negro como algo à margem, principalmente, embasados em seus personagens de escravos, da força que tudo suporta, do corpo objetificado e de quem possui aptidão para os cuidados da Casa Grande, continuam sólidos e repetidos. Do mesmo modo, quando olhamos mais de perto, especificamente, para as personagens negras no ano de 2016 detectamos poucos avanços quantitativos em detrimento das qualitativos. Infelizmente, reflexos da sociedade e da rede de mídias que é gerida por ela (seja ela televisiva, cinematográfica, musical ou comportamental), que ainda reproduz o histórico da colonização em que a população negra é vista como pobre, ameaçadora e com capacidade intelectual menosprezada.

Desde o início da exibição da novela no Brasil e recortando, em seguida, por personagens interpretados por atores e atrizes de cor negra, é possível detectar uma espécie de “lugar comum” em que eles se encontram. Com um pequeno espaço de exceção para personagens negros de classe média, no ano de 2016 com um feliz grande destaque e, infelizmente, dentro da história como bastante específicos quanto a pequena importância

dentro da trama principal, conseguimos reconhecê-las e agrupá-las dentro de grupos de categorias ainda consideradas racistas e reducionistas. Após a pesquisa, é possível afirmar que essas narrativas estão servindo para reforçar estereótipos negativos e começando ainda de uma forma tímida, a mudar estereótipos positivos na população feminina negra.

Após o sensível avanço em quantidade de personagens negras, em 2016 nos deparamos, também, com personagens que tiveram sua força destacada, diferentemente dos papéis de submissão e subserviência em novelas antecessoras. Embora essa suposta força inesgotável valide e naturalize alguns tipos de violência contra essas mulheres, elas se tornaram símbolos de alguém que está disposta a lutar contra o racismo, podendo ser uma forma positiva de como essa representatividade atinge a população negra que está assistindo a trama.

Por outro lado, infelizmente, a sexualização da mulher negra foi o traço se manteve mais marcante dentro da análise. A cor da pele negra, a forma como o seu cabelo é e as curvas do seu corpo são reforçados e vendidos dentro das tramas pode-se afirmar que se mantiveram o papel de “mulata” dentro das personagens de 2016, dando poucas chances de enxergarmos a melhoria dentro desse estereótipo para essas personagens. Da mesma forma, a imoralidade (seja ela familiar ou de cunho legal) as acompanhou. Elas continuaram objetificadas e trazendo junto consigo o cenário de que, em determinados momentos, a mesma beleza negra é reprovada. O romance interracial continuou permeando o imaginário do impróprio e imoral, mas não cedeu como anteriormente, e deu espaço para cenas de amor entre uma mulher negra e um homem branco dentro da teledramaturgia brasileira.

Já a suposta “aptidão” para a mulher negra ser a responsável por cuidar do lar da Casa Grande em detrimento do seu parece ser ainda estar sendo superado timidamente. Embora Nair (Ana Carbatti) possa ser analisada ainda dentro do quadro problemático, a ausência do reforço de personagens da mesma linha pode ser detectada como uma melhoria nesse sentido. O escárnio, o deboche e a ideia da mãe que tudo carrega parece estar abandonando o senso comum como algo inato à uma mulher negra.

Outro ponto merecedor de destaque é que tivemos a segunda personagem protagonista negra com complexidade, com o reforço de fazer parte da classe média e com

núcleo familiar sólido, além de ter atingido números impressionantes no IBOPE, com recorde para a emissora Rede Globo no Rio de Janeiro e em São Paulo, promoveu o debate acerca do feminismo negro dentro dos lares brasileiros.

É evidente que manter a continuidade dessa pesquisa se faz necessário, uma vez que, tão importante quanto avançar, é saber para onde e de qual forma se está avançando. Além disso, termos possíveis linhas de complementação se torna essencial. Enxergarmos a mulher negra como uma pessoa de igual valor quanto qualquer outro ser humano não só na sociedade, mas nos meios que ela produz é um dos primeiros passos que devem ser dados para o avanço de uma percepção mais cidadã a seu respeito. Retirar os pré-conceitos que permeiam a cor negra na população feminina é algo que deve ser levado em conta em todas as formas de representações e conteúdos e, não só, em inserir mais atrizes e personagens negras, mas também questionar como elas podem ajudar a reverter o racismo e o preconceito do país.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VERDADE. **O carnaval e a mercantilização da mulher negra no Brasil**. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2014/03/o-carnaval-e-mercantilizacao-da-mulher-negra-brasil/>>. Acesso em 10 de Abril de 2017.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. **Abordagem societal das representações sociais**. v.24. Brasília: Sociedade e Estado, 2009.

ANJOS, Ana Beatiz. ARRAES, Jarid. **Solidão tem cor**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/semanal/a-solidao-tem-cor/>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

APARATO DO ENTRETENIMENTO. **Controle remoto: Xica da Silva**. Disponível em: <<http://www.aparatodoentretimento.com.br/2016/02/control-remoto-xica-da-silva-xica.html>>. Acesso em 29 de Janeiro de 2016.

ARAÚJO, JOEL ZITO. **A Negação do Brasil – O Negro Na Telenovela Brasileira**. Filme. Produção de Luis Antonio Pillar, Juca Cardoso e Vandy Almeida, direção de Joel Zito Araújo. Brasil, Casa De Criação, 2000. Colorido, 91 minutos. Documentário. Som: Toninho Muricci

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira**. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

ARCANJO, Miguel. Crítica: **Protagonista negra de Malhação começa humilhada por loira racista**. Disponível em: <<https://blogdoarcanjo.blogosfera.uol.com.br/2016/08/22/critica-protagonista-negra-de-malhacao-comeca-humilhada-por-loira-racista/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

ARRAES, Jarid. **A carne mais exótica do mercado**. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2013/07/22/a-carne-mais-exotica-do-mercado/>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

ARRAES, Jarid. **Mulher negra, nem escrava, nem objeto**: Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia\\_print.php?id\\_noticia=229736&id\\_secao=8](http://www.vermelho.org.br/noticia_print.php?id_noticia=229736&id_secao=8)>. Acesso em 10 de Abril de 2017.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA. **A mulher afro-brasileira: escrava e ama-de-leite**. Disponível em < <https://apcab.wordpress.com/2009/05/21/a-mulher-afro-brasileira-escrava-e-ama-de-leite/>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

BENÍCIO, Jeff. **Sucesso de Mister Brau consolida empoderamento negro no horário**

**nobre da Globo.** Disponível em: <<https://diversao.terra.com.br/tv/blog-sala-de-tv/sucesso-de-mister-brau-consolida-empoderamento-negro-no-horario-nobre-da-globo,6dc04eb133b63d9fa28d2f0dea057a64sxxwrxkav.html>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

**BLOG DA COSTA. De olho no inverno e acessórios pra que te quero.** Disponível em: <<http://blog.dalcosta.com.br/de-olho-no-inverno-acessorios-para-que-te-quiero/mister-brau-michele-20151124-e/>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

**CARAS. Saiba tudo sobre o novo cabelo de Camila Pitanga em Velho Chico.** Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/cabelos/saiba-tudo-sobre-o-novo-cabelo-de-camila-pitanga-em-velho-chico>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

**CARDOSO, Beatriz. O Sexo e as negas: racismo e estereótipos.** Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/09/o-sexo-e-as-negas-racismo-e-estereotipos/>> Acesso em 16 de Maio de 2017.

**CIDADE. Preconceito: Atriz Cris Vianna fala sobre aceitar fazer papéis de empregada e escrava para mostrar seu trabalho.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/10dacidade/2014/08/27/preconceito-atriz-cris-vianna-fala-sobre-aceitar-fazer-papeis-de-empregada-e-escrava-para-mostrar-seu-trabalho/?topo=52,1,1%C3%8>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

**CLÁUDIA. Michele, personagem de Taís Araújo em “Mister Brau”, dá aula sobre feminismo negro.** Disponível em: <<http://claudia.abril.com.br/noticias/michele-personagem-de-tais-araujo-em-mister-brau-da-aula-sobre-feminismo-negro/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Primeira protagonista negra de 'Malhação' será faxineira e nordestina.** Disponível em: <<http://www.uai.com.br/app/noticia/series-e-tv/2016/08/04/noticias-series-e-tv,182764/primeira-protagonista-negra-de-malhacao-sera-faxineira-e-nordestina.shtml>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

**DIÁRIO DE SUZANO. Olivia Araujo se destaca como empregada espacosa na novela ‘I Love Paraisópolis’.** Disponível em: <<http://www.diariodesuzano.com.br/blog/2015/07/30/olivia-araujo-se-destaca-como-empregada-espacosa-na-novela-i-love-paraisopolis>>. Acesso em 24 de Abril de 2017.

**DIVERSÃO TERRA. Denúncia de racismo na infância.** Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/sala-de-tv/blog/2015/05/31/%E2%80%98cabelo-ruim%E2%80%99-babilonia-denuncia-o-racismo-na-infancia/>>. Acesso em 24 de Abril de 2017.

**DIVERSÃO TERRA. Em ‘Duas Caras’, Cris Vianna alerta sobre preconceito.** Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/gente/interna/0,,OI3573578-EI13484,00.html>>. Acesso em 24 de Abril de 2017.

DUARTE, Leopoldo. **A “decepcionante” descoberta sobre o príncipe encantado que era negro.** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/a-decepcionante-descoberta-sobre-o-principe-encantado-que-era-negro/#gs.gN6NIWY>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

ENTRETENIMENTO R7. **Conheça os personagens de Escrava Mãe.** Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/escrava-mae/fichas/conheca-os-personagens-de-escrava-mae-24062016#!/fichas/16>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

ESTRELANDO. **Acompanhe as emoções de Escrava Mãe.** Disponível em: <<http://www.estrelando.com.br/nota/2017/01/07/acompanhe-as-emocoes-de-escrava-mae-205133>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

EU CRITICO TU CRITICAS. **Exagerada, Haja Coração conseguir rir, mas poderia ter sido melhor.** Disponível em: <<http://blogdoeucliticotucriticas.blogspot.com.br/2016/11/exagerada-haja-coracao-conseguiu-rir-e.html>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

FERNANDES, Danúbia de Andrade. **Preto no Branco: Identidade negra na telenovela brasileira.** Minas Gerais, UFJF: 2007

FERNANDES, Danúbia. **Representação da identidade negra na telenovela brasileira.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Minas Gerais, UFJF: 2007 - 2/15

FILMOW. **Duas Caras.** Disponível em: <<https://filmow.com/duas-caras-t39597/ficha-tecnica/>> Acesso em 24 de Abril de 2017.

FILMOW. **Ficha técnica - I Love Paraisópolis.** <Disponível em: <https://filmow.com/i-love-paraisopolis-t95737/ficha-tecnica/>>. Acesso em 24 de Abril de 2017.

FOCUS. **Deise Nunes, a Miss Brasil negra.** Disponível em: <<http://focuswebnews.com/deise-nunes-a-miss-brasil-negra/>>. Acesso em 21 de Abril de 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 51ª ed. São Paulo:Global, 2006.

GAZETA DO POVO. **Conheça personagens de “3%”, primeira série brasileira da Netflix.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/tv/conheca-personagens-de-3-primeira-serie-brasileira-da-netflix-3qykzcptql9uorfthof2a21pw>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GAZETA DO POVO. **Seleção de atores para Netflix causa polêmica.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/tv/selecao-de-atores-para-serie-da-netflix-causa-polemica-evqfwe6z01zht8geisb6jtp6d>>. Acesso em 16 de Maio de 2017.



GÉLEDES. **A representação social da mulher negra nos programas de TV: do estereótipo à sexualização.** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/a-representacao-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-do-estereotipo-a-sexualizacao/>>. Acesso em 29 de Janeiro de 2016.

GÉLEDES. **Feminismo negro sobre minorias dentro da minoria.** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/#gs.3W23wTo>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

GÉLEDES. **Ouvi um agente de modelos dizer que eu era bonita, mas tinha um problema: era negra.** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/ouvi-um-agente-de-modelos-dizer-que-eu-era-bonita-mas-tinha-um-problema-era-negra/#gs.WdyR2uc>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

GÉLEDES. **Uma mulher, tantos preterimentos.** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/uma-mulher-tantos-preterimentos/#gs.7boWjUA>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

GLAMOURAMA. **No aniversário de Camila Pitanga, desvendamos o polêmico figurino da atriz em ‘Velho Chico’.** Disponível em: <<http://glamurama.uol.com.br/no-aniversario-de-camila-pitanga-glamurama-desvenda-o-figurino-da-atriz-em-velho-chico/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GONÇALVES, Patrícia. **‘Eu, mulher negra, não posso frequentar certos espaços’.** Disponível em: <[http://www.geledes.org.br/eu-mulher-negra-nao-posso-frequentar-certos-espacos/#gs.Ak\\_c24I](http://www.geledes.org.br/eu-mulher-negra-nao-posso-frequentar-certos-espacos/#gs.Ak_c24I)>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1983, p. 223-244.

GRIJÓ, Wesley Pereira. SOUSA, Adam Henrique Freire. **O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul & Universidade Federal de Goiás, Brasil. Estudos em Comunicação nº 11, 2012.

GSHOW. **Conheça os personagens da minissérie Justiça.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/08/conheca-os-personagens-da-minisserie-justica.html>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Além do tempo.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-tempo/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Além do Tempo: Órfãs, Rita e Carola se viram como podem.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2015/07/alem-do-tempo-orphas-rita-e-carola-se-viram-como-podem.html>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Aline Dia apresenta protagonista Joana e convida para estreia de Malhação.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/aline-dias-apresenta-protagonista-joana-e-convida-para-estreia-de-malhacao-assista.html>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

GSHOW. **Carola assume paixão por Pedro.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-tempo/vem-por-ai/noticia/2015/11/carola-assume-paixao-por-pedro.html>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

GSHOW. **Elenco de Haja coração, veja os atores da novela das 7.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/04/elenco-de-haja-coracao-veja-os-atores-da-nova-novela-das-7.html>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Elenco de Sol Nascente, veja os atores da nova novela das 6.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/06/elenco-de-sol-nascente-veja-os-atores-da-nova-novela-das-6.html>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Haja coração.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/haja-coracao/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Jéssica Ellen viverá ex prisioneira e será uma das protagonistas de Justiça.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/06/jessica-ellen-vivera-ex-prisioneira-e-sera-uma-das-protagonistas-de-justica.html>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

GSHOW. **Juliana Alves comenta medos que precisou vencer para viver Dora: 'Estou realmente me superando'.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/09/juliana-alves-comenta-medos-que-precisou-vencer-para-viver-dora-estou-realmente-me-superando.html>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

GSHOW. **Justiça.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/justica/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Malhação.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2016/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Mister Brau.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/mister-brau/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Personagem Carola.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alem-do-tempo/personagem/carola/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Sexo e as negas.** Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/sexo-e-as-negas/>>. Acesso em 16 de Maio de 2017.

GSHOW. **Sol Nascente**. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sol-nascente/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Velho Chico, segunda fase**. Disponível em: <<http://especiaiss3.gshow.globo.com/novelas/velho-chico/segunda-fase/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GSHOW. **Velho Chico**. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/velho-chico/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GUERRA, Fernanda. **Primeira série brasileira da Netflix, 3% é a lenda da meritocracia em um país de segregados**. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2016/11/25/internas\\_viver,676854/primeira-serie-brasileira-da-netflix-3-e-a-lenda-da-meritocracia-em.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2016/11/25/internas_viver,676854/primeira-serie-brasileira-da-netflix-3-e-a-lenda-da-meritocracia-em.shtml)>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

GUIA DO ESTUDANTE. **Chica da Silva, procedência**. Disponível em: <[guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/chica-silva-senhora-procedencia-435631.shtml](http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/chica-silva-senhora-procedencia-435631.shtml)>. Acesso em 29 de Janeiro de 2016.

HASENBALG, C. A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.83.

JUNIOR, Almir de Oliveira. **Segurança pública e racismo institucional**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/seguranca-publica-e-racismo-institucional/#gs.Q2V4SHg>>. Acesso em 21 de Abril de 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LIBENCE, Paula. **A representação social da mulher negra nos programas de TV: do estereótipo à sexualização**. Disponível em: <<https://escrevivencia.wordpress.com/2013/11/22/a-representacao-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-do-estereotipo-a-sexualizacao/>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

LIBENCE, Paula. **A vênus negra, a mulata exportação e o corpo da mulher negra na sociedade do espetáculo**. Disponível em: <<http://escrevivencia.wordpress.com/2013/01/11/a-venus-negra-a-mulata-exportacao-e-o-corpo-da-mulher-negra-na-sociedade-do-espetaculo/>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Narrativas Televisivas e Identidade Nacional: O Caso da Telenovela Brasileira**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Universidade de São Paulo, Brasil. nº 26, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. **A Cabana do Pai Tomás**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Antônia**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/antonia.htm>> Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Celebridade**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/celebridade.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Cobras e Lagartos**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cobras-lagartos.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Corpo a corpo: ações socieducativas**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/corpo-a-corpo/acoes-socieducativas.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Escrava Isaura**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/escrava-isaura.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Pecado Capital 1ª versão**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pecado-capital-1-versao.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Por amor**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/por-amor.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Sinhá Moça 1ª versão**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/sinha-moca-1-versao.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Vitória e Percival**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pecado-capital-1-versao/vitoria-e-percival.htm>>. Acesso em 23 de Abril de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Viver a vida**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/viver-a-vida/trama-principal.htm>>. Acesso em 24 de Abril de 2017.

MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela**.

São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura \_ Ficção Televisiva, 2003.

O GLOBO. **Conheça os personagens de 'Haja coração', novela das 19h.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/conheca-os-personagens-de-haja-coracao-novela-das-19h-19370331>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

O GLOBO. **Conheça os personagens de Haja Coração, novela das 19h.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/conheca-os-personagens-de-haja-coracao-novela-das-19h-19370331/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

O GLOBO. **Especialistas explicam o fenômeno Avenida Brasil.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/especialistas-explicam-fenomeno-avenida-brasil-6448625>>. Acesso em 29 de Abril de 2017.

O GLOBO. **Pela primeira vez em 21 anos, 'Malhação' terá protagonista negra.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/pela-primeira-vez-em-21-anos-malhacao-tera-protagonista-negra-19519723>>. Acesso em 29 de Abril de 2017.

OBSERVATÓRIO BRASIL DE IGUALDADE DE GÊNERO. **Mulheres negras de baixa escolaridade são maioria no emprego doméstico em São Paulo.** Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/mulheres-negras-de-baixa-escolaridade-sao-maioria-no-emprego-domestico-em-sao-paulo/>>. Acesso em 21 de Abril de 2017.

OLIVEIRA, Luma. **Carolina Maria de Jesus: a mídia racista e a literatura no quarto de despejo.** Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/05/27/carolina-maria-de-jesus-a-midia-racista-e-a-literatura-no-quarto-de-despejo/>>. Acesso em: 29 de Abril de 2017.

OMELETE. **3%, conheça os protagonistas da primeira série brasileira da Netflix.** Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/series-tv/lista/3-conheca-os-protagonistas-da-primeira-serie-brasileira-da-netflix/>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

PAES, Barbara. **A suposta força infinita da mulher negra.** Disponível em: <[http://www.geledes.org.br/a-suposta-forca-infinita-da-mulher-negra/#gs.pAr6\\_YQ](http://www.geledes.org.br/a-suposta-forca-infinita-da-mulher-negra/#gs.pAr6_YQ)>. Acesso em 13 de Abril de 2017.

PAES, Barbara. **Apropriação cultural.** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/apropriacao-cultural/#gs.zYcMCZ4>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

PAES, Stephanie. **Nega maluca: black face é racismo!** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/nega-maluca-black-face-e-racismo/#gs.4qqZ0HE>>. Acesso em 15 de Maio de 2017.

PEREIRA, Edmilsom de Almeida et al. **Ardis da Imagem: exclusão e violência nos**

**discursos da cultura brasileira.** Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC-Minas, 2001.

PRAGMATISMO POLÍTICO. **Agência diz ser difícil encontrar ator negro e é repudiada pelo Netflix.** Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/agencia-diz-ser-dificil-encontrar-ator-negro-bonito-e-e-repudiada-pelo-netflix.html>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

RAÇA BRASIL. **O Bem-Amado.** Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/colunistas/o-bemamado/2861/>>. Acesso em 24 de Abril de 2017.

RECORD TV. **Escrava Mãe.** Disponível em: <<http://www.recordtvrio.com.br/category/escrava-mae/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

REICHMANN, Rebecca. **Mulher negra brasileira: um retrato.** Estudos Feministas. 3ª ed, 1995.

REVISTA FÓRUM. **Infográfico: A condição da mulher negra no Brasil em números.** Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/07/25/infografico-a-condicao-da-mulher-negra-no-brasil-em-numeros/>>. Acesso em 21 de Abril de 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Nós, mulheres negras, queremos o fim da Globeleza.** Disponível em: <<http://azmina.com.br/2016/01/nao-queremos-mais-protagonizar-o-imaginario-de-quem-busca-turismo-sexual/>>. Acesso em 10 de Abril de 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O teu discurso não nega, racista.** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-teu-discurso-nao-nega-racista>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras brasileira: de Bertioga à Beijing.** Estudos Feministas. 3ª ed. 446-457, 1995.

RIBEIRO, Stephanie. **As faces da representatividade.** Disponível em: <[http://confeitariamag.com/stephanie\\_mendonca/as-faces-da-representatividade/](http://confeitariamag.com/stephanie_mendonca/as-faces-da-representatividade/)>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

RIBEIRO, Stephanie. RIBEIRO, Djamila. **A mulata globeleza: um manifesto.** Disponível em: <<http://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/01/29/a-mulata-globeleza-um-manifesto>>. Acesso em 10 de Abril de 2017.

SANTIAGO, Viviana. **10 frases racistas que as mulheres negras escutam (ou denunciando o racismo e sendo acusada de mimimi).** Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/10-frases-racistas-que-mulheres-negras-escutam-ou-denunciando-o-racismo-e-sendo-acusada-de-mimimi/#gs.Jelby2Q>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Invisibilidade e racismo**. Revista Intercâmbio. SESC, v. 1, n. 1, p. 31-36, jan.abr. 1988.

SCHWARCZ, Lilia. **Afeto e violência: sobre mães negras, amas de leite, e babás**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/afeto-e-violencia-sobre-maes-negras-amas-de-leite-e-babas/#gs.OOMQU=U>>. Acesso em 14 de Abril de 2017.

SILVA, Ana Paula A **hipersexualização da mulher negra e a política da respeitabilidade**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/hipersexualizacao-da-mulher-negra-e-politica-da-respeitabilidade/#gs.RCVqVfo>>. Acesso em 21 de Abril de 2017.

SILVA, J. Et al. **A promoção da igualdade racial em 2006 e o Programa de Combate ao Racismo Institucional**. In: JACCOUD, L. (Org.). A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos vinte anos. Brasília: Ipea, 2009. P. 147-70.

SODRÉ, Muniz. **O Globalitarismo como neobarbárie**. In: Por uma outra comunicação. Dênis de Moraes, (org.).Rio: Record, 2003.

STEVAUX, Débora. **Michele, personagem de Taís Araújo em “Mister Brau”, dá aula sobre feminismo negro**. Disponível em: <<http://claudia.abril.com.br/noticias/michele-personagem-de-tais-araujo-em-mister-brau-da-aula-sobre-feminismo-negro/>>. Acesso em 13 de Maio de 2017.

STYLER, Maurício. **Netflix repudia agência +Add Casting que diz ser difícil encontrar ator “negro bonito”**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/netflix-repudia-agencia-add-casting-que-diz-ser-dificil-encontrar-ator-negro-bonito/#gs.UfABl4M>>. Acesso em 16 de Maio de 2017.

Tudo sobre TV. **A história da TV**. Disponível em: <<http://www.tudosobrevtv.com.br/histortv/tv50.htm>>. Acesso em 29 de Abril de 2017.

TV E NOVELAS. **Nova Tancinha! Saiba quem é quem em “Haja coração”**. Disponível em: <<http://gente.ig.com.br/tvenovela/2016-05-31/nova-tancinha-saiba-quem-e-quem-em-haja-coracao-releitura-de-sassaricando.html>>. Acesso em 08 de Junho de 2017.

UOL ECONOMIA. **Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>>. Acesso em 29 de Abril de 2017.

UOL TELEVISÃO. **Taís Araújo será vilã carente e riquinha em “A favorita”**. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2008/05/02/ult4244u928.jhtm>>. Acesso em 29 de Janeiro de 2016.

VALE A PENA VER DE NOVO. **Xica da Silva**. Disponível em: <<http://ruareginatizomseolin.blogspot.com.br/2015/03/xica-da-silva-uma-telenovela-brasileira.html>>. Acesso em 29 de Janeiro de 2016.

VASCOUTO, Lara. **Estereótipos racistas de novelas brasileiras**. Disponível em: <<http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelas-brasileiras/>>. Acesso em 27 de Maio de 2017.

VEJA ECONOMIA. **Mulher negra ganha menos de 40% da renda de homem branco, diz Ipea**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/economia/mulher-negra-ganha-menos-de-40-da-renda-de-homem-branco-diz-ipea/>>. Acesso em 09 de Abril de 2017.

Visão real. **Da cor do pecado**, Disponível em: <[http://www.visaoreal.com.br/da\\_cor\\_do\\_pecado.htm](http://www.visaoreal.com.br/da_cor_do_pecado.htm)>. Acesso em 29 de Janeiro de 2016.

WERNECK, Jurema. **O racismo nosso de cada dia e a situação da mulher negra brasileira**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-racismo-nosso-de-cada-dia-e-situacao-da-mulher-negra-brasileira/#gs.tiamS44>>. Acesso em 20 de Maio de 2017.

XAVIER, Nilson. **Telenovela Brasileira: Uma Breve História**. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/telenovela-brasileira-historia/>>. Acesso em 29 de Abril de 2017.